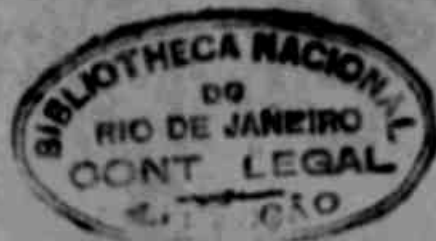
NNO XII — NUM. 599 RIO DE JANEIRO, 7 DE JUNHO DE 1930 PREÇO: 1$00C

EXEMPLO A IMITAR

Em São Paulo realizou-se, ha pouco tempo, uma grande parada de jovens que se dedicam ao athletismo. Apresentaram-se cerca de 50.000. Foi uma demonstração viril e patriotica da nossa mocidade. Todos os Estados devem imitar o exemplo de São Paulo. O fortalecimento pela gymnastica e pelo athletismo é indispensavel a todos os povos. Aos jovens athletas recommenda-se afim de augmentar a capacidade physica e de restringir a tendencia á fadiga, o uso de saes de phosphoro e calcio, em especial da Candiolina, que os contém sob uma fórma assimilavel e agradavel de tomar. Do mesmo modo como se aconselham aos jovens as salutares praticas desportivas, aconselha-se aos desportistas o uso desse producto, pelos seus salutares effeitos animadores e reconfortadores da energia physica. Em todo o Brasil se devem organizar certames iguaes aos realizados em São Paulo. Em todos os clubs se deve adoptar o uso da Candiolina da Casa Bayer.

ESPINHAS NO ROSTO

Certas pessoas são muito achacadas de espinhas no rosto, sobretudo na juventude. Essas espinhas são mais communs nas pessoas anemicas e chloroticas, cuja pelle, não sendo favorecida pela circulação, se torna fraca e os folliculos sebaceos susceptiveis a essas pequenas inflammações, scientificamente denominadas acnés. O remedio contra esse mal consiste no fortalecimento do paciente, na vida ao ar livre, no uso de alimentos ricos em vitaminas e na desinfecção da pelle. Para este ultimo fim recommendam os especialistas o Sabão Bayer de Afridol. Applique-se o sabão, deixe-se a espuma seccar, removendo-a uma hora depois pela lavagem. Além de combater as espinhas, ainda fortalece e amacia a pelle.

Oh!... 400 Contos
Que belleza...

Em 21 de Junho o tradicional sorteio de

SÃO JOÃO

da LOTERIA FEDERAL

Bilhete { Inteiro. . . . . . . 18$000
Fracção $900

EM 3 SORTEIOS

— Agua... Por amor de Deus, dê-me um pouco dagua!...

— Não, meu amigo, — disse o sargento a quem eu me dirigia — não é permittido.

Lambi os meus labios ennegrecidos e esturricados pela canicula e a sêde, relanceei um olhar desvairado em torno, pelo pateo da prisão. Nem uma nesga de sombra para me proteger contra os raios escaldantes e a prumo do sol tropical. Desde manhã cedo até o cahir da noite estava eu condemnado a permanecer naquelle maldito logar, que havia de forçosamente ser a minha unica morada durante uma excruciante quinzena.

A's minhas costas foi atado com fortes correias de couro um alforje cheio de areia. Para completar a tortura ajuntava-se a isso duas pedras angulosas e abruptas, cujas arestas esponteadas em guilhões obtusos e saliencias sabulosas, a cada passo que eu dava, me escarvavam dolorosamente as espaduas ensanguentadas. As meias e os cordões das botinas, arrebataram-nos os restolhos das longas caminhadas, de modo que os meus pés eram arranhados, escorchados pela fricção continua e torturante do couro grosseiro dos sapatos. Nem uma vez me fôra permittido sentar-me para descansar as pernas doloridas. Além, num angulo do pateo da prisão, uma fonte gorgolejava scindindo o ar de rebrilhos fugidios aos raios ardentes do sol. Mas não era para os prisioneiros: — Um sargento armado de rifle estacionava perto.

———

Tal era a prova a que me submettia deshumanamente a ferrea disciplina da "Legião".

Não me posso recordar com precisão o motivo que me induziu a idéa de inscrever-me entre os recrutas da "Legião Estrangeira".

Estava eu em Dunkirk trabalhando a bordo de um navio francez de nome "Saint-Louis", quando rebentou uma rebelião nesse navio. As coisas tornaram-se pretas, e mal me pude safar daquella trapalhada, ficando sem emprego.

Foi, então, que ouvi a noticia de que estavam sendo engajados recrutas para a "Legião". Annunciava-se um proximo combate. Resolvi a atirar-me á aventura. Tomei o primeiro trem que partia para Paris e, dentro de vinte e quatro horas, estava alistado como "legionario". No dia seguinte embarquei para Marselha com cerca de vinte e quatro outros recrutas.

Com que arrebatamento e impaciencia ansiavamos pela realização daquella aventura. Sentiamos como que a fascinação do desconhecido, a attracção dos escampados e cinereos céos ardentes dos desertos adustos.

Não tardaria, entretanto, o dia da mais dolorosa desillusão.

Uma quinzena depois attingiamos o logar chamado Sidi-Bel-Abbes, onde nos haviamos de estacionar. Lembro-me de haver esperado o anoitecer na tarde da nossa chegada, para jantar.

Para todos...

Revista semanal, propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director - gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignatura: Brasil—1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro—1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos..." apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

Minhas quatro fugas da "Legião Estrangeira"

Estava com uma fome horrivel, depois da jornada.

— Olá! — disse-me uma voz ao meu lado. — Que está o senhor esperando?

— O jantar, — respondi. — Estou com fome.

O outro sorriu com uma expressão de piedade:

— Eh! O senhor póde esperar a noite inteira, meu amigo, que não terá nada para comer hoje... — e depois reflectindo — Calma! Talvez não seja lá de tudo impossivel. Vou tentar ver se consigo alguma coisa para o senhor.

———

O meu novo amigo desappareceu; alguns momentos depois estava de volta com dois melões, um pão, um pouco de vinho e uma carteira de cigarros. Agradeci penhorado a sua bondade e sentei-me para comer. Horas mais tarde, observando, descobri que tanto elle como alguns dos seus companheiros haviam subcripto pequenas quotas para poderem comprar o alimento que eu estava devorando. Soube depois que elle era um escossez ex-profissional de "foot-ball" e que havia participado em varios "matchs" defendendo as côres do seu paiz. Mas assaltado pela infelicidade fôra tambembem attrahido pela aventura da "Legião".

A corneta clangoreou ás quatro e meia na manhã seguinte e não havia nem agua para se lavar o rosto ou barbear. Trouxeram-se algumas cuias de um liquido negro a que se dava o nome de "café".

Não havia nada que se comer. Os recrutas estavam em fórma diante de um sargento cujo merito unico parecia resumir-se na habilidade de atiçar. Trovejou para nós uma saraivada de improperios. Resmungou raivoso, chamou-nos de criminosos, vagabundos, estupidos, animaes... A "Legião", dizia elle, havia de fazer de nós homens, se tal coisa fosse possivel...

Durante cinco horas a fio mourejámos sem descanso em varios serviços: — Uns carregavam pedras, outros trabalhavam com picaretas, outros ainda manejavam pesadas pás. A's dez horas houve uma breve parada para o almoço: — uma mixorofada de carne secca, hortaliças servidas num caldo que consistia na propria agua em que se cozinharam ellas mesmas, um calice de vinho...

Alguns dias mais tarde, andando por um acaso na cozinha, tive a felicidade de notar que os saccos em que se guardavam os grãos de vegetaes seccos estavam encostados á parede. Os grãos eram negros e duros como balas. Não era portanto de se lhes admirar a consistencia. Em todos os saccos se viam marcas "armazenados em 1840"!

Após o almoço, proseguiu-se no trabalho até uma hora da tarde. Occasionalmente se variava essa monotonia, intercalando-se algumas horas de exercicios e praticas militares. Mas quasi sempre o trabalho continuava até ao cahir da noite.

Jantava-se então. Usualmente se comia o que sobrava do almoço. O resto do tempo era nosso.

Como novos recrutas, recebiamos o soldo de meio penny por dia. Concitavam-nos a não nos desanimar, porque mais tarde poderiamos conseguir um penny! Aborrecido, um dia, quando vagava perto do acampamento, encontrei-me com o meu amigo escossez e alvitrei a idéa de fugirmos.

— Jack, já é tempo de nos safarmos desse inferno.

— Concordo com você nesse ponto, — ponderou elle — esta vida está me matando.

Architectámos os nossos planos e decidimos escapar sorrateiramente na escuridão da noite, dirigindo-nos rapidamente para Marrocos. Não possuiamos nenhum mappa nem roteiro algum. Não tinhamos mais em que confiar senão no patrocinio da Providencia, guiando-nos pelas estrellas.

Sahimos do acampamento sem sermos percebidos. Ganhámos a distancia sem nenhum obstaculo numa tranquillidade confortadora. Caminhavamos com o intuito de alcançarmos o territorio hespanhol. Pobres desgraçados! Nem ao menos podiamos perceber que estavamos errando num circo. No dia seguinte fomos aprisio-

nados pelos arabes que se apoderaram de nós com o unico fito de restituirnos á "Legião", recebendo em paga dessa miseria, a miseria de quatro "shillings", premio que lhes offerecia a "Legião" como recompensa pela entrega de cada desertor.

Fomos eventualmente entregues aos gendarmes que nos algemaram, conduzindo-nos em seguida ao quartel general, onde fomos condemnados a quinze dias de prisão.

Durante varios mezes não mais se me deparou a opportunidade para uma tentativa de fuga. Eramos obrigados muitas vezes a fazer escaramuças contra os arabes, que contra nós sustentavam uma serie de guerrilhas interminaveis que nos obrigavam estar sempre em hostilidade. Tinhamos que travar, não raro, combates singulares, enfrentando um ou mais inimigos que nos surprehendiam, outras vezes, nos recontros encarniçados o numero dos combatentes elevava-se a cinco e seis mil. As nossas provisões na maioria dos casos eram trazidas por arabes nossos alliados, aos quaes se remunerava a dedicação.

Cada dia que passava, mais me recrudecia a obsessão da fuga. A pessima alimentação e a tyrannia exercida pelos superiores da "Legião", insuflavam-me uma aversão e um rancor até então desconhecidos no meu intimo.

Decidi então a arriscar-me á ultima tentativa sózinho, e desse modo escafedi-me do acampamento uma noite, com um unico embrulho de alimentos no bolso, e apressei-me em direcção da estrada de ferro, onde esperava tomar um trem para a costa.

Foi uma longa e penosa viagem, mas a sorte me protegia. Quando alcancei a estrada de ferro um trem de carga se movia lentamente em direcção de Oran. Foi obra de poucos segundos trepar-me a um dos vagões e esconder-me atraz de um encerado. A sorte ainda me favorecia e alcancei Oran são e salvo.

Logo que cheguei no porto me dirigi immediatamente á praia, onde esperava embarcar nalgum navio que estivesse a partir para a Inglaterra. Não fiquei desapontado. A primeira coisa em que o meu olhar se fixou foi realmente num navio com a bandeira britannica. Subi a bordo possuido de uma alegria quasi pueril. Naquellas condições julguei desnecessarios prevenções e disfarces. Fui directamente ao capitão e pedi protecção até haver passado o perigo. Dirigi-me resolutamente ao camarote e bati á porta.

— Entra! — estrugiu uma voz forte.

Em poucas palavras esclareci as minhas condições e circumstancias ao capitão. Elle ouviu-me com um ar de sympathia e, após meditar alguns segundos, disse-me que poderia permanecer a bordo.

— Mas é preciso esconder-se, — accrescentou, — até estivermos fóra do porto. Por emquanto o seu perigo ainda não passou de todo!

Para todos...

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho". Travessa do Ouvidor, 21, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico "O Malho - Rio". Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1037. Redacção: 2-1017. Officinas: 8-6247. Succursal em São Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8º andar, salas 85 e 87.

Cornelius Norton
(Trad. de Epaminondas Martins)

Ouviram-se nesse momento fortes pancadas á porta. Surgiram, graves, dois gendarmes.

— Oh... o senhor Norton... Creio que o senhor está esquecido de que está passeando sem a devida permissão... Não ?!

Tão perto da liberdade! Tão longe da salvação! Mais uma dolorosa dessillusão! Olhei desvairadamente em torno, procurando alguma sahida. Não havia. Tive vontade de me atirar num desespero contra os dois. Seria loucura. Dois contra um... Além disso, armados... Volvi affectando calma para o gendarme que me havia falado.

— Muito obrigado pela lembrança, amigo, podemos voltar. Curvei-me reverentemente diante do capitão do navio e sahimos immediatamente do camarote. Com que difficuldade pude reprimir uma alluvião de lagrimas! Fóra, no corredor, risonho, nojento, alegre, antecipando-se á posse dos vinte e cinco francos, preço da traição, erguia-se descaradamente o vulto maldito do vendedor de laranjas, um maltez que me havia denunciado.

E a minha segunda tentativa de fuga custou-me uma sentença de noventa dias de prisão.

Tive que enfrental-a com a maior resignação possivel, mas o que mais me acabrunhou muito tempo, antes de ser solto, foi o amargo desapontamento da captura. Quando me livrei da prisão disse ao meu amigo escossez — já então eramos amigos inseparaveis — que futuramente não fariamos nenhuma tentativa de fuga, visto que o nosso tempo na "Legião" já estava a terminar.

— Não seja ingenuo — replicou elle. — Você deve dizer que o seu desejo é continuar, porque, se você não assignar um novo tempo de serviço, voluntariamente, elles exercerão a maior coacção até você assignar obrigado. Só ha dois unicos meios de nos libertarmos disso aqui: — o suicidio ou a fuga.

O meu amigo tinha razão. Engageime novamente para outro periodo, resolvido a fugir na primeira opportunidade. Alguns companheiros preferiam a solução mais facil. Os suicidios eram frequentes.

Com intuito de evitar o perigo de uma nova captura, resolvi enveredarme por um caminho inteiramente differente.

A minha nova estrada devia atravessar uma região povoada de rebeldes, pocessos, e os peores typos de fascinoras.

Ainda uma vez escapuli sob as trévas nocturnas. Mas estava destinado ainda uma vez fracassar. Após o transcurso de mais de setenta milhas, fui subitamente cercado e preso pela policia aborigene. Amarraram-me de mãos para traz atado ao selim de uma mula, e deste modo eu tive que correr ao lado do animal como um caranguejo, se não quizesse ser arrastado abruptamente. Este martyrio começou desde as quatro da manhã até á noite, com eventuaes paradas para refeições e tomar agua. Eu não tinha nada para comer nem para matar a sêde e, além disso, tinha que tolerar os insultos e os escarneos.

A' noite amarraram-me e deixaramme do lado de fóra, ao relento e ao frio, até ás nove horas do dia seguinte. Desamarraram-me então e puzeram-me diante um prato de comida. Cada vez que eu estendia o braço me espetava as costas a ponta de uma bayoneta.

Alcancei o acampamento mais morto do que vivo. Novos noventa dias de prisão. Quando me vi solto, tive uma noticia cruel que parecia vir dar o ultimo golpe nas minhas aspirações de liberdade. Recebi ordem de transferencia para a Indo-China. Como num sonho, abandonei o theatro de minhas antigas aventuras e me vi transportado para um estranho paiz de onde não havia nenhuma esperança de fuga. Vinte homens succederam-se nas escapadas. Haviam de marchar cerca de 2.600 milhas atravez de um paiz inhospito e desconhecido, para alcançarem o mar. Graças á boa vontade dos chinezes amigos, a maioria delles attingiram o objectivo.

As noticias dessas occorrencias agiram sobre o meu espirito como um estimulo. O que os outros fizeram não me seria impossivel repetir. Ainda uma

vez o destino se interveiu nos meus passos. O commandante mandara-me chamar á sua presença:

— Norton — disse elle. — Você tem que voltar para Marrocos. Apromptese para a partida.

No dia seguinte um contingente partiu para Haipong, onde nós deviamos embarcar para Sidi-Bel-Abbes. Em Colombo decidi-me a fazer um desesperado esforço pela liberdade perto do cáes, mas os guardas estavam alerta. Pareciam haver adivinhado a minha intenção.

A's quatro e meia da manhã o navio levantou ferros e partiu de Colombo. A cerca de uma milha de distancia deparou-se-me a opportunidade. Os guardas se haviam negligenciado na vigilancia alguns segundos. Como um raio, num salto louco, precipitei-me com estrondo nagua.

Ouviu-se uma algazarra e gritaria infernal a bordo, seguida de tiros, mas não prestei a minima attenção. Desvincilhei-me do paletó e endireitei-me num esforço sobrehumano para a praia, que se vislumbrava indecisa atravez da densa nevoa matutina.

Inesperadamente ouvi dois fragorosos barulhos de corpos precipitados á agua atraz de mim. Estava sendo seguido?

Liberdade!

Até que emfim!

— Coragem, camarada! — gritou uma voz forte e gutural atraz de mim.

— Nós estamos comsigo!

Outros me haviam seguido o exemplo! Com firmes e vigorosos bracejos, nos approximavamos lentamente da terra. De vez em quando me voltava para espiar o navio, já então um pouto meúdo no horizonte, ou para encorajar os meus dois camaradas de aventura, ambos allemães, que me seguiam.

Subitamente um guincho horrendo e dilacerante apunhalou o ar:

— O tubarão!...

Até hoje não me sahiu da retina a visão pavorosa da physionomia tragica do pobre Schmidt, no momento em era arrastado para o fundo do abysmo. A sensação do perigo insuflou-me uma nova energia. Sentia-me impossibilitado de prestar-lhe o menor auxilio. Pelo menos estava livre dos horrores da "Legião", coitado!

Depois daquillo não parei um momento para descançar nem olhar para traz. Gradativamente a praia parecia me vir ao encontro. O sol nascente, fulgurando sobre o topo do morro, parecia me dar as boas-vindas num banho de luz tonificante. Por fim meus pés tocaram nalguma coisa de consistente. Tropecei e senti que podia andar. Resfoleguei alto e forte um hausto da brisa fresca e iodada. Havia vencido! Havia ganho!...

✣ ✣ ✣

O MALHO publica, todos os sabbados, bellissimos contos e a mais completa reportagem photographica dos ultimos acontecimentos da semana.

Para todos... na Bahia

O Dr. Jorge Godoy, inspector da "Agencia Americana", e senhora, ao embarcarem na Bahia com destino a Recife.

Florinha, filha do casal Mary-David Liebman, sobrinha do jornalista Adolfo Aizen.

Os premios d'O Tico-Tico

"O Tico-Tico", a querida revista das creanças, entre os valiosos premios que distribue aos seus leitores nos seus concursos semanaes, incluiu alguns livros de muito encanto e utilidade para a infancia. Esses livros constituem collecções completas, de 9 a 12 voumes cada uma das preciosas obras "Encanto e verdade", do professor Thales de Andrade, e "Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra. "Encanto e verdade" divide-se em nove volumes, a saber: A filha da floresta — El-Rei Dom Sapo — Bem-te-vi feiticeiro — D. Iça rainha — Bella, a verdureira — Tótó judeu — Arvores milagrosas — O pequeno magico — Fim do mundo.

"Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra, comprehendendo os seguintes volumes: I — José de Anchieta, II — Gregorio de Mattos, III — Basilio da Gama, IV — Thomaz Gonzaga, V — Gonçalves Dias, VI — José de Alencar, VII — Casimiro de Abreu, VIII — Castro Alves, IX — Alvares de Azevedo, X — Fagundes Varella, XI — Machado de Assis, XII — Olavo Bilac.

Essas collecções constituem primorosos livros de caprichosa confecção material e foram editados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, que os offereceu para premios d'"O Tico-Tico", demonstrando desse modo, o zelo e dedicação que, de ha muito aliás, dispensa a todas as manifestações em beneficio da instrucção do povo.

O pintor paulista Hugo Adami, actualmente na Italia

GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS

"O MALHO" — que é uma das mais antigas revistas nacionaes — considerando o enorme successo que vem despertando entre os novos contistas brasileiros e o publico em geral, a literatura ligeira, de ficção ou realidade, cheia de interesse e emoção, resolveu abrir em suas paginas um GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS, só podendo a elle concorrer contistas nacionaes e recompensando com premios em dinheiro os melhores trabalhos classificados.

Os originaes para este certamen, que poderão ser de qualquer dos generos — tragico, humoristico, dramatico, ou sentimental — deverão preencher uma condição essencial: serem absolutamente inéditos e originaes do autor.

Assim procedendo, "O MALHO" tem a certeza de poder ainda mais concorrer para a diffusão dos trabalhos literarios de todos os escriptores da nova geração, como ainda incentival-os a maiores expansões para o futuro, offerecendo aos leitores, com a publicação desses contos, em suas paginas, o melhor passatempo nas horas de lazer.

CONDIÇÕES:

O presente concurso se regerá nas seguintes condições:

1) Poderão concorrer ao grande concurso de contos brasileiros de "O Malho" todo e quaesquer trabalhos literarios, de qualquer estylo ou qualquer escola.
2) Nenhum trabalho deverá conter mais de 10 tiras de papel almaço dactylographadas.
3) Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado de papel e em letra legivel ou á machina em dois espaços.
4) Só poderão concorrer a este certamen contistas brasileiros, e os enredos, de preferencia, versarem sobre factos e coisas nacionaes, podendo, no emtanto, de passagem, citar-se factos estrangeiros.
5) Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos que contenham em seu texto offensa á moral ou a qualquer pessoa do nosso meio politico ou social.
6) Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymo, acompanhados de outro enveloppe fechado com a identidade do autor, tendo este segundo, escripto por fóra, o titulo do trabalho.
7) Todos os originaes literarios concurrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade desta empresa, para publicação em primeira mão, durante o prazo de dois annos.
8) E' ponto essencial deste concurso, que os trabalhos sejam ineditos e originaes do autor.

PREMIOS:

Serão distribuidos os seguintes premios aos trabalhos classificados:

1º logar .... Rs. 500$000
2º " .... Rs. 300$000
3º " .... Rs. 100$000
4º, 5º e 6º collocados Rs. 50$000 cada

Do 7º ao 15º collocados — (Menção Honrosa) — Uma assignatura semestral de qualquer das publicações: "O Malho", "Para Todos...", "Cinearte" ou "O Tico-Tico".

Serão ainda publicados todos os outros trabalhos que a redacção julgar merecedores.

ENCERRAMENTO:

O presente GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS será encerrado no dia 28 de Junho de 1930, para todo o Brasil, recebendo-se, no emtanto, até 3 dias depois dessa data, todos os originaes vindos do interior do paiz, pelo correio.

JULGAMENTO:

Após o encerramento deste certamen será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE:

Toda a correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Para o "Grande Concurso de Contos Brasileiros".

Redacção de "O Malho", Travessa do Ouvidor, 21 — Rio de Janeiro.

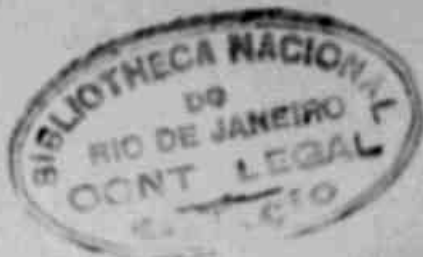
À filial carioca da Perfumaria Gessy

O elegante "lunch" que a filial da Perfumaria Gessy offereceu por occasião da sua inauguração.

Outro aspecto do "lunch"

Convidados á inauguração, posando á porta da filial da Perfumaria Gessy.

Teve um brilho expressivo, como acontecimento commercial, o acto da inauguração da filial da Perfumaria Gessy, nesta capital, á Avenida Gomes Freire, 9. A cerimonia, que foi presidida pelo bispo do Espirito Santo, S. Ex. Revma. D. Benedicto Alves de Souza, reuniu crescido numero de convidados de todas as classes sociaes. E' que o conceito geral de que gozam os productos da Perfumaria Gessy, dos Srs. José Milani & Cia., grandes industriaes paulistas que mantêm na cidade de Campinas uma installação fabril modelar e occupando uma area de 24.000 metros quadrados — apontaram-n'os á preferencia do mais largo consumo em todo o Brasil, e já ha algum tempo vêm sendo exportado para as Republicas do Prata, onde gozam de igual acceitação.

O senhor A. Lincoln Cooper, entre directores e auxiliares da General Motors do Brasil S. A. antes do almoço que lhe foi offerecido no Hotel Esplanada, de São Paulo.

Que significam estas marcas

Indanthren

Para todos...

Eça de Queiroz

POR IRACEMA GUIMARÃES VILLELA

O PERFIL de Eça de Queiroz traçado pelo illustre escriptor portuguez Alberto d'Oliveira, é feito com tal mestria que evoca rapidamente a imagem do grande romancista tão querido e admirado no seu paiz como no nosso.

E' um verdadeiro "carvão" cheio de vida, e que o tempo embora tudo apague tardará muito a destruir. O Eça que a nossa geração conhece atravez dos livros, está ali descripto com escrupulosa exactidão. Nada se perde nem escapa. Sem custo vemol-o na nossa frente, adunco, esqueletico, curvado, estalando na orbita descarnada do olho o monoculo. Mordaz. E pensamos immediatamente em João da Ega, o companheiro inseparavel de Carlos da Maia. Ha nas duas effigies notavel analogia. E' o mesmo ar satanico, o mesmo scepticismo, a mesma philosophia que nos ensina a supportar com paciencia as impertinencias e as cobardias dos nossos semelhantes.

Aquelle vulto taciturno e silencioso, vestido de preto, com lunetas fumadas, longas pernas, socegado mas talvez cançado da vida, não por desgostos intimos, mas pelo mero cansaço de viver, custa egualmente a desvanecer-se dos olhares de quem o seguiu atravez das paginas enthusiastas do critico portuguez. A sua admiração é bem o reflexo da nossa. Não ha excesso de arroubos onde se perceba o intuito de os alardear.

E' um enthusiasmo reflectido se assim me posso exprimir, um enthusiasmo mantido equilibradamente, sem outra preoccupação além de manifestar-se em palavras fortes e sinceras. Logo ao primeiro encontro, numa das ruas do Porto, o pequeno estudante sentiu pelo escriptor que adorava em silencio, uma attracção irresistivel, porém Eça distrahido, de olhar vago, não reparou no rapazinho que de longe lhe vinha seguindo a sombra. Distincto e natural, atravessou o passeio sem avistar sequer aquelle pequeno vulto extasiado, que não ousava approximar-se impregnado de uma fascinação devota de velho fanatico. Talvez o seu pensamento estivesse amarrado a algum enredo que no seu cerebro se desenrolasse seductoramente. Tambem apezar da differença entre os dois caracteres, João da Ega embora loquaz e expansivo, atirava para o mundo um olhar vago, tão absorto estava ás vezes nas suas idéas. Tambem elle, entre amigos, se mostrava estranho e distrahido. Nesses momentos o philosopho empolgava o homem social, fazendo-o resvalar o monoculo pelos seus patricios, sem alegria nem interesse. O gesto tornava-se machinal, frio, indifferente. Os do Eça eram mais cortezes e apurados. A educação recebida, acabava sempre por adoçar-lhe a trava que a ironia sulcara em seu espirito. Essa finura de gostos afidalgados, estava de tal modo entranhada no seu pensar, que mesmo contrariado não a abandonava. Antes de analysar de perto as miserias humanas, timbrava em nunca se desinvincilhar das boas maneiras que lhe haviam transmittido em criança. Ellas o preservavam de contactos grosseiros e materiaes, com mais segurança do que os termos violentos e as attitudes hostis. Era uma barreira que interpunha entre a sua alma e a delle.

Apezar da indifferença com que ouvia os que lhe iam colher-lhes as impressões, elle sondava-lhes o pensamento, afim de avaliar o que dentro delle houvesse de grande ou de mesquinho. A sua analyse não o illudia nunca. Eça foi um analysta inimitavel. Poderão accusal-o de desrespeitar a lingua, onde introduzia a capricho e sem utilidade vocabulos francezes; poderão censurar-lhe episodios por demais naturalistas, que eliminados de seus romances não lhe diminuiriam a gloria mas as suas qualidades raras de psychologo, a graça inconfundivel de seu estylo, a naturalidade de seus dialogos, a espontaneidade de suas situações, tornaram-no num dos mais admiraveis escriptores do seu tempo. Em todos os seus livros, as figuras vivem, soffrem, agitam-se; não ha attitudes exaggeradas ou falsas, nem abundancia demasiada de descripções. Dizem-no discipulo de Zola? E' possivel... nas de um Zola mais subtil, com tintas mais delicadas, embora não menos perfeitas. E essa justiça a posteridade não se recusará a reconhecer.

UM DIA

ZIZI se remexe na cama, esfrega os olhos, lentamente os abre, ressuscita. O quarto, camafeu rosa e branco, com moveis rusticos, parece dizer bom dia, no largo sorriso das janellas illuminadas por traz das cortinas. Uma sombra esverdeada envolve os objectos. Toda a casa romanesca está mergulhada numa semi-obscuridade igual, vinda das arvores muito proximas. A Normandia suffóca sob a vegetação. Humidade, melancolia. As casas e as granjas custam a vêr o dia atravez da invasão da sombra verde.

— Que é que eu tenho?

O pequeno coração recorda... Adormecera chorando!... Como é triste, tudo isso, aos nove annos...

A dôr de uma criança quando não vem de uma boneca quebrada, tem qualquer coisa de sacrificio.

Dôr dos grandes, dôr que eu não comprehendo, será que você não póde me deixar ser da minha idade? Quando eu fôr grande, que me darão para reparar esse irreparavel: minha infancia affligida?

Zizi, recostada no travesseiro, pensa na mamãe que partiu e só voltará depois de longos mezes. A pequena empallidecida, baixa a cabeça! As duas grossas tranças semelhantes a hervas seccas e torcidas, cahem-lhe ao longo do rosto mal enquadrado, a que os olhos, de expressão tristonha, dão um encanto singular.

E, de repente, uma pequena alegria atravessa o soffrimento mudo. Zizi se levanta de um salto. Em longa camisa de dormir, pés nús sobre o gelado e antigo chão vermelho, vae abrir uma gaveta da commoda Luiz XVI.

Nella está guardado um lenço no qual a mamãe derramou a ultima gotta de perfume. Zizi escondeu-o sob um montão de coisas, para não ser tentada a aspiral-o muitas vezes. Ella acredita que aspirar um perfume o faz gostar. Deixando o lenço fechado elle se conservará por muito tempo, talvez até a volta da ausente. Aberta a gaveta a criança busca o seu thesouro. Eil-a apertando contra o rosto o pequeno trapo enfeitiçado. Ainda com lagrimas nos olhos corre para a cama, deita-se de um pulo, mette sob as cobertas os pés frios e o corpo fino. Finge dormir porque ouve os passos da mãe Lacoste que sóbe.

Illustrações de René Lelong

Esse lenço é um grande segredo que é preciso guardar. E' um prazer ter n'alma um segredo...

— Bom dia, minha filhinha! A mãe Lacoste, cuidadosa, traz a bandeja de madeira onde fumega o bule de café com leite, rodeado pelo pão fresco, a manteiga e o assucar.

O seu perfil de velha normanda, de bello nariz, desenha-se firme no camafeu. E' grande, angulosa, desdentada, respeitavel, limpa, touca branca, pequenos olhos severios, superiores, cheios daquella frieza ironica da raça, que colloca cada um no seu logar e repelle as familiaridades.

Essa dignidade natural, apanagio dos normandos, sabe muitas vezes enternecer, quando é preciso. Os olhos pequenos e velhos encaram Zizi emquanto as mãos serviçaes depõem a bandeja em cima da cama.

— Dormiu bem? dormiu?

E beija a testa lisa da pequena. A mãe Lacoste é carinhosa o quanto póde ser uma velha normanda, e a sua grande piedade pela garota abandonada que ella cuida, dalhe gestos de avó. Mas, tem os dedos rugosos, cheira á barrela, e, quando acaricia, a humilde roupa roça asperamente na pelle. Zizi não sabe mesmo até que ponto sente essas coisas. As mãos de Lacoste sobre as delsas coisas. As mãos de Lacoste sobre as dellas provocam-lhe máo estar; mas, ignora que seja repulsa.

— Gosto muito da minha velha ama, como de tudo que vem de mamãe. Soffreria eu essas coisas com a mesma emoção se não tivesse nascido sensitiva?

Depois dos arranjos summarios, camponios, que Mme. Lacoste julga sufficientes, eis a menina prompta. Vestido de panno grosso, solido e simples, no estylo que convem a Zizi; meias de algodão e fortes botinas de atacar. Trajo de ar livre, de liberdade.

Oito horas, é o momento dos deveres, das lições.

— Vou estudar as minhas lições lá fóra.

Mme. Lacoste consente sem approvar inteiramente.

— Tudo isso é um quebra-cabeça!

Zizi, com a maleta debaixo do braço, pequenina, entre os dois renques de faia do pateo principal, parece que vae para a escola. Mas para uma escola differente da escola da aldeia. As aulas são presididas pelo sol e a sombra, a folhagem e os galhos, os grilos e os moscardos. Nessa escola Zizi estará só, ou, pelo menos, os pequenos capripedes, seus camaradas, se conservarão invisiveis.

Trata-se agora de arranjar o melhor galho para sentar de livro na mão. As faias da avenida não têm nenhum que sirva. Mas ha no parque uma certa arvore de braços maternaes. A sua crosta de musgo é quasi tão macia quanto o collo de mamãe.

Zizi sóbe com o livro e deixa a maleta sob a arvore. Um instante. E' preciso primeiro respirar para saber que gosto tem a natureza, essa manhã. Depois, entre as folhas, apparece um pedaço de solar que Zizi contempla.

E' um pesado solar Luiz XIII com o grande telhado de ardosia descendo até junto das janellas de pequenos vidros quadrados.

Uma brionia veste-a com as côres da estação: verde sobre verde.

— Lá está a janella do meu quarto. E a do quarto de mamãe... A de Lacoste eu não vejo.

Zizi volta a cabeça. Avista mais abaixo um dos recantos do parque. E' uma especie de terraço que dá para a estrada e para um planalto atapetado de folhagens; uma balaustrada de pedra, prestes a ruir, quatro velhos vasos, recurvos, nos quaes sóbe um musgo alto como capim. Mesmo na pedra é preciso que a Normandia mostre a sua eterna vegetação.

— Estarei talvez melhor, perto da ba-

laustrada... O prado deserto, descuidado, é agradavel de atravessar, cheio de sombras tremulas entre raios de sol. Terá alguma fada deixado sobre a relva o traço dos pés pequenos e luminosos? Pelo chão até o fim dos horizontes, os grillos se exasperam; em cima, todas as moscas do mundo zumbem. Nas arvores, rumores de colmeias. O ar matinal espalha um perfume especial que desapparece á tarde; os coloridos da manhã têm frescura e scintillações, que morrem com o dia. Até os ruidos se modificam.

Na estrada, onde não passa quasi nunca ninguem, Zizi debruçada na balaustrada, olha como as sombras das arvores são longas. Não ha luar que faça tão

grandes sombras. Uma nuvem redonda e branca, acima dessa arvore redonda e verde, parece copial-a no céo.

O azul do mez de agosto já está pallido de calôr e, entretanto, ha pouco, havia orvalho sobre a relva e ainda resta nos torrões da lavoura, entre os amontoados das colheitas.

— Oito horas e tres quartos!... annuncia o pequeno sino.

— Oh!... não abri a minha arithmetica. Agora já, é tarde. Vou estudar a gramatica!

Zizi não apprendeu a lição de arithmetica, mas apprendeu outras coisas...

Findo o almoço, a pequena põe a boina e vae buscar a bicycleta. Mme. Lacoste tira a mesa. Quando os paes não estão, a menina faz as refeições na cozinha com a ama, para simplificar as coisas, e porque a sala de jantar é muito grande para ella só. Os habitos rudes vêm se fixando nella naturalmente: cortar o pão com a mão, pôr os braços em cima da mesa, metter o guardanapo na golla, mastigar com ruido, segurar o garfo no ar. Ella já não se dá conta das unhas mal cuidadas e de outras pequenas faltas diarias...

Tirada a bicycleta do canto, toma posição para partir sem destino. Vôa em terra, pequeno Mercurio com azas nos calcanhares. A bicycleta das crianças de hoje, substitue muito bem a governante do passado. Tem licença de passear sózinha, no campo, de percorrer varios kilometros em torno da propriedade. Mas não póde ir até a cidade. Escrupulosa, ella segue estrictamente as condicções do facto.

E' delicioso rodar sem barulho ao longo das estradas e dos caminhos no verão; ser independente e rapida, sentir mutiplicar a a velocidade, ter nos pés as botas de sete leguas do conto!

Não se farta desses prazeres. Volta pela aldeia. No caminho encontra burros com albardas, como nos livros da Bibliothéque Rose e um pastor com o seu rebanho.

— Bom dia, pastor!

— Bom dia, menina.

Os dois cães vêm lamber as mãos de Zizi. Chamam-se Pastor e Capitão. Ella bem que desejava que elles fossem seus companheiros de brinquedos. Mas o pae tem a phobia dos cães e não admitte a permanencia de nenhum nas suas terras.

Zizi retorna apressada, para casa, atravez do campo envolto nos perfumes estonteantes do verão. Transpõe a velha grade enferrujada jamais conservada por uma nova pintura. Entra no patec principal. Approxima-se da casa.

A campainha da bicycleta dá signal. Mãe Lacoste que lavava numa tina, corre:

— Está atrazada, menina! A merenda está prompta ha mais de um quarto de hora!

Até ás sete é preciso trabalhar. Agora são os deveres. Problemas... Analyse grammatical... Composição... Tudo isso tem que ficar prompto para segunda-feira... Segunda-feira é daqui a dois dias... Que pena! O parque ás cinco horas é tão bonito! Impossivel trabalhar lá fóra! São trabalhos escriptos, é uma complicação!

— Onde é que eu vou me metter?

Ha a sala de bilhar, um bello bilhar do qual ninguem se serve, testemunha de existencias anteriores... E o grande salão, com horrorosas cortinas de pelucia azul, cabeças de veados, collecção de borboletas, um velho chifre... Passado, passado, encanto das velhas casas fóra da moda, cujas historias ninguem conhece bem. Ha a sala de fumar com lindas poltronas antigas.

Zizi vae para lá com o seu material escolar. Abre os livros e os cadernos, molha a penna. Por onde começar? A analyse grammatical. Tudo é um mundo impenetravel e a decifração do enigma não a attrae. A sua comprehensão diante daquellas coisas, se fecha antecipadamente como por uma série de valvulas hermeticas. A natureza, o verão, esses grandes mysterios abrem-lhe a alma toda; mas os segredos da arithmetica e a grammatica, não conseguem interessal-a.

Sem procurar comprehender, rabisca qualquer coisa no caderno. Apenas para passar o tempo, austero que, de cinco ás sete, a retem junto da obrigação quotidiana.

Com o ouvido alérta, percebe logo a primeira, das sete badaladas do grande relogio da sala de jantar.

Fecha os cadernos e os livros, corre para a cozinha. Acabei os meus deveres!

O peso de um ligeiro remorso pousa no coração de Zizi. Ella não se acha muito verdadeira... Mas um golpe de vista sobre o parque destróe-lhe as preoccupações. Que esplendidos momentos poderá gosar antes do jantar! Que prazer intenso na luz rosada onde já se presente o o longo desespero do

(*Termina no fim do numero*)

Lucie Delarue Mardrus

O MISTERIO DOS 5 ENFORCADOS

R. MAGALHÃES JUNIOR

ILLUSTRAÇÃO: PAULO WERNECK

A TARDE ia morrendo. As casas commerciaes desciam as suas pesadas portas de aço e uma enorme onda humana, caixeiros, costureiras, empregados de escriptorios, todos, emfim, que mourejam pela vida nos bazares, nas officinas, nos bancos, — se espraiava ao longo dos "trottoirs" da Avenida, á espera dos bondes ou dos omnibus que os conduzissem á casa.

O investigador Genesio Castro, que nesse dia permanecêra de plantão na Policia Central, era um dos que, impacientemente, aguardavam um vehiculo, postado a uma das esquinas da Avenida. Mas o seu omnibus — o "Mauá-Leblon" — passava sempre cheio, com a taboleta de "lotação completa", e o investigador rosnava surdamente meia duzia de pragas, irritado pelo retardamento do jantar.

Passava o quinto omnibus, cheio á cunha, quando os jornaleiros, na sua algazarra caracteristica, cabriolando nos estribos dos bondes, sahiram a vender a segunda edição dos jornaes, apregoando a novidade sensacional do dia:

"Suicidio em Haddock Lobo! Como morreu o dr. Rubião Cintra!"

O pregão em jornaleiros como que galvanizou o investigador, que se achava preguiçosamente encostado a um combustor da illuminação. Genesio Castro comprou um jornal, percorreu rapidamente com o olhar a noticia do suicidio e, acto continuo, tomou um taxi, gritando para o "chauffeur":

— Haddock Lobo, 1313! Siga rapido!

O motor do auto klaxou. Os pneus, chiando, rolaram no asphalto. E, em poucos minutos, o investigador Genesio Castro desembarcava em frente á casa do mallogrado Rubião. O cadaver ainda lá estava, com os olhos enormemente abertos, a lingua inchada a pender da bocca e com fios de sangue a escorrerem dos ouvidos. O investigador Teixeira, que estava cuidando do caso, pedia ao telephone uma ambulancia para conduzil-o ao necroterio.

Genesio Castro fez um rapido exame no quarto do morto. Depois, segurando as mãos do cadaver, murmurou, com voz commovida:

— Rubião! Pobre Rubião... Descança, que eu saberei punir teus assassinos...

O investigador Teixeira, que o ouvira, soltou uma gargalhada irreverente.

— Assassinos! Ora, quem foi que falou em assassinato ao collega?

— Ninguem, — respondeu Genesio. — Entretanto, estou absolutamente convencido de que não se trata de um suicidio...

— Mas, meu caro, a sua convicção intima, nesse caso, não tem o menor valor. O que é preciso são provas...

— Hei de tel-as.

— Mas não serão melhores do que as minhas. Leia este papel.

E estendeu a Genesio uma carta que fôra encontrada sobre o leito de Rubião. Declarava os motivos do suicidio e estava escripta com letra firme, bem legivel, denotando um excellente estado de animo, e por baixo, muito clara, lia-se a assignatura — aquella assignatura tão conhecida de Genesio, desde o tempo em que ambos eram collegas de banco no collegio primario, onde uma grande e sã amizade os uniu para toda a vida.

— Que tal lhe parece essa carta. Falsa ou verdadeira? — inquiriu o investigador Teixeira.

— Absolutamente verdadeira. Mas continúo a affirmar que não se trata de suicidio...

— Ora, meu caro. Vamos deixar de fantasias, — objectou o outro. — Não se póde torcer a realidade dos factos, a menos que se queira cahir no mais profundo e lamentavel ridiculo...

— Conheci Rubião desde criança. Foi o espirito mais jovial, mais optimista com que eu já privei. Na sua mocidade attravessou quadras difficilimas. Nunca lhe ouvi uma palavra amarga, nem lhe assisti um gesto de revolta. Foi sempre compassivo e bom. Sorridente, cheio de bom humor e de vida. Agora, que lhe veiu parar ás mãos, por herança, uma pequena fortuna, que lhe proporciona uma excellente posição social e uma vida de prazer e de conforto, por que havia Rubião de suicidar-se?

— Talvez uma mulher...

— Tambem não. Rubião sempre foi feliz nos seus amores. Brincava, jogava a seu talante com os corações femininos. E agora estava noivo de uma creatura encantadora, da alta sociedade paulista. Uma moça de fina educação, de magnificas qualidades moraes, capaz de fazel-o immensamente feliz...

O investigador Teixeira encolheu os hombros, sem lhe dar resposta. Genesio Castro, todavia, proseguiu nas suas considerações.

— Não me parece provavel que o Rubião, no caso de pensar em suicidio, tivesse escolhido este meio. Elle era um estheta. E, como deve saber, dedicava-se fervorosamente á aviação, sendo um excellente piloto amador. Um aviador por certo preferiria dar cabo da vida gloriosamente, num "looping-the-loop" fantastico, a morrer miseravelmente, estrebuchando, atado a um pedaço de corda...

— Mas o collega se esquece de que o suicidio é um acto de desespero, de loucura. O suicida, nesse estado, raramente se lembrará dessas encenações... Desde que attinjam o fim visado, — a morte — todos os meios servem. O enforcamento, aliás, é um dos processos mais efficientes de suicidio... — pilheriou o investigador Teixeira.

E, depois de uma ligeira pausa, ponderou:

— Além do mais, ahi está a carta...

— Sim. A carta. Mas essa carta parece uma pilheria. Os motivos nella apontados são pueris, ou melhor, são mentirosos, e de modo algum justificariam o suicidio. Por isso mesmo, meu caro, prefiro ficar com a hypothese de um assassinato...

— Fique, meu amigo. Mas olhe que muita gente ha de rir á sua custa. Os jornaes certamente não o pouparão...

— Affrontarei o ridiculo. Expor-me-ei ás chufas e aos motejos. Mas hei de procurar descobrir todo o mysterio que envolve este caso... e não me chame eu Genesio Castro se não o descobrir!

Nessa convicção, arraigada, profunda, comquanto assentada apenas em hypotheses, Genesio Castro começou a trabalhar para desvendar o famoso caso de Haddock Lobo. Mantinha, com firmeza, o seu primitivo ponto de vista e, a esse respeito, concedêra entrevistas aos jornaes, que o expuzeram ao mais solemne deboche.

Fazia cerca de quinze dias que se desenrolara a tragedia de Haddock Lobo, quando o noticiario policial dos jornaes chamou de novo a attenção de Genesio Castro, a esse tempo licenciado da policia, para dedicar-se exclusivamente á tarefa de esclarecer a morte mysteriosa de Rubião.

Em Botafogo, morrêra tambem um primo de Rubião, do mesmo modo que este. O enforcado era Caio Cintra, antigo jogador de football, muito conhecido nas rodas esportivas da cidade, e deixara tambem, como Rubião, uma carta explicando o motivo do seu suicidio.

Genesio Castro instinctivamente, comprehendeu que essa nova tragedia tinha intima ligação com a de Haddock Lobo. Entretanto, por mais que se esforçasse para estabelecer uma ponte entre ambos, em achar uma correlação entre ellas, não encontrou o menor apoio na logica e no raciocinio. Perdeu-se no

(*Termina no fim do numero*)

No Grill-Room do Copacabana Palace

Antigamente (ha dois annos) o Grill era um logar bem amado. Estava sempre cheio. Depois, o fechamento do Casino bateu tambem ás portas do restaurante onde se conversava, dansava e onde até se comia. Sabbado, o Grill se reabriu. E foi uma festa que poz junto todo o alto mundo carioca.

No Jockey Club

Archibancadas

Eta !

Um domingo de sol morno levou ao Hippodromo Brasileiro os vestidos mais bonitos de 1930.

O grande caso foi a victoria de Rodolpho Valentino. O cavallo manteve as tradições do nome. Encantou e deu muito dinheiro.

Entre os nomes dos favoritos, os nomes dos costureiros se confundiam...

Antes do programma começar

Senhora Antonio Prado Junior e o Prefeito do Rio de Janeiro.

A torcida no football é gritada. No turf é em voz baixa...

Toda a elegancia da cidade esteve na Gavea. As saias compridas e os corpos menos magros marcaram a moda deste anno.

O Grande Premio Cruzeiro do Sul encheu de surpresa e de alegria a tarde das ultimas carreiras, quasi todas sensacionaes.

No Jockey Club

Presididas pela Exma. Senhora Dona Sophia de Barros Pereira de Souza, realizaram-se, sabbado passado, as cerimonias da entrega do Premio Anna Nery, da distribuição dos diplomas ás novas enfermeiras e da abertura

Na Cruz Vermelha Brasileira

das dependencias recentemente construidas e suas installações no palacio da Esplanada do Senado.

O cortejo dos bispos, arcebispos e cardeaes sáe das catacumbas de Carthargo, onde, ha seculos, milhares de christãos foram martyrisados e morreram por Nosso Senhor.

Cinco mil crianças, depois da primeira communhão, erguem palmas no amphitheatro de Carthago, onde se realizaram as principaes ceremonias do congresso eucharistico.

PELA GLORIA DA CRUZ EM TERRAS DE AFRICA!

Um acontecimento de excepcional importancia para o mundo catholico foi o 30° congresso eucharistico internacional de Carthago, que se acaba de realizar nas primeiras semanas de Maio, na Tunisia.

Dezenas de milhares de peregrinos de todas as nações catholicas desembarcaram em Tunis e foram acampar nas praias em que outr'ora se elevou Carthago, fundada pela inconsolavel Dido, viuva de Sicheu, no 9° seculo antes de Jesus Christo. Algumas ruinas, como o amphitheatro, escaparam á completa destruição do tempo, depois do arrazamento da cidade pelos romanos de Scipião Emiliano.

Entre os congressistas havia tres cardeaes, cem bispos e prelados, muitas centenas de sacerdotes. As ceremonias começaram no dia 7 de Maio, nos chamados Logares Santos de Carthago. Cinco mil crianças fizeram a primeira communhão. O abbade Gerard Philips, professor do Grande Seminario de Liége, fez uma conferencia sobre "A presença real e o Santo Sacrificio segundo Santo Agostinho e segundo os padres da Igreja Africana". As ceremonias foram presididas pelo Cardeal Lepicier, legado especial de Sua Santidade o Papa.

O acampamento da fé, nas areias carthaginezas. Onde outrora as tendas dos guerreiros de Scipião Emiliano preparam o incendio da rival de Roma, agora, milhares de padres, seminaristas e peregrinos acamparam para celebrar a memoria dos christãos martyrizados na Africa.

O 30° congresso eucharistico celebrou especialmente os santos da Igreja que morreram na Africa, martyrisados pelos increus cu consumidos no exercicio da sua missão evangelizadora.

Milhares de christãos succumbiram nas catacumbas da antiga Carthago e a sua memoria foi louvada pela voz pura das 5.000 crianças que ergueram ao céo africano canticos sagrados.

As ceremonias do congresso trouxeram as imaginações das dezenas de milhares de peregrinos e congressistas em permanente evocação do passado, esse passado de dois mil annos que as areias da Tunisia, alguns muros de pedra e pedaços de idolos partidos continuam perpetuando, na infinita carreira dos seculos e dos homens; poeira, poeira, poeira...

MARIA RIBEIRO MACHADO-JOSÉ S. A. PINHEIRO — EM PORTO ALEGRE.

MARIA LUIZA DE CARVALHO- ALBERTO DE VASCONCELLOS HAFF NO RIO

Enlaces

REDENTA AMELIA RIPOLLI-ARTIDIO DE ALMEIDA EM PIRACICABA

CLELIA APPOLONIO-ENRICO CHELI EM SÃO PAULO

BRAILOWSKY! Quando estas linhas forem lidas, já estará longe, bem longe do Rio, o pianista que neste momento ainda converge para a sua pessôa a attenção do nosso mundo musical.

A' hora em que começo esta chronica, tenho ainda nos ouvidos os ultimos écos do ultimo recital do grande artista, que nos vae deixar por estes proximos dias. Neste momento, todo o encanto que encontrei na temporada Brailowsky surge-me na memoria com a sua multiplicidade de impressões, através das quaes o gigante do piano reveste aspectos os mais varios: Brailowsky o brilhante; Brailowsky, o diabolico; Brailowsky, o romantico.

Se perguntar a mim mesmo quando elle me parece maior, não saberei dizer. A impressão que um artista nos póde produzir, depende de tanta coisa! Depende, sobretudo, tanto, do nosso estado de espirito ou de nervos! E não dependerá tambem, principalmente, do estado de nervos ou de espirito delle mesmo?... O ideal seria que nunca divergissem o concertista e o auditorio, mas isso, se não é impossivel de succeder, é, pelo menos muito difficil.

Assim, como saber quando Brailowsky me pareceu maior? Quando a sua technica brilhantissima attingiu as raias do diabolico? Quando o seu temperamento privilegiado de romantico produziu no auditorio aquelles incontidos "Grissons" de inebriamento? Quem poderá saber? O artista, quando chega a

Carlo Zecchi deixou no Rio a saudade de algumas horas que eram sempre recordadas com o desejo de que ellas voltassem outra vez. Os concertos desse pianista novo, de personalidade tão forte, foram dos mais bellos nas já celebres Vesperaes Viggiani. Pois Carlo Zecchi, com toda a seducção da sua arte de interprete excepcional, v o l t a ao Rio. E brevemente vamos ouvil-o no Theatro Lyrico que é, pelas tardes de inverno, todos os annos, a casa da felicidade.

MUSICA

ser um Brailowsky, é sempre grande, sempre colossal. Nunca póde, pois, ser maior. O seu talento dá-lhe autoridade para divergir da tradicção, para crear interpretações novas. E é ahi que o seu vulto se agiganta e que a sua arte se impõe.

A impressão que Brailowsky havia deixado no Rio de Janeiro era mais ou menos a mesma para todo o publico. E essa T. G. impressão talvez se haja modificado desta vez. O pianista romantico por excellencia adquiriu impetos e bravura de um pianista brilhantissimo, capaz de arrancar do teclado os mais surprehendentes effeitos de sonoridade. O piano deixou de ser apenas uma machina de martellos de camurça, para parecer tambem, por vezes, uma orchestra de pianos de teclas de aço. Como Chopin, sob os dedos de Brailowsky, p.de alcançar uma delicadeza encantadora, Liszt chegou ao maximo de bravura que se póde desejar.

O repertorio do piano póde mostrar-se em toda a sua pujante belleza. Se é o classico, a personalidade do artista dá-lhe alguma coisa de impressionante. Se é romantico, todo o auditorio sente e soffre, emociona-se e enthusiasma-se com o interprete. Se é moderno ou contemporaneo, o pianista conduz o ouvinte por entre as mais deliciosas sorpresas, revelando-lhe as bellezas bizarras da musica de nossos dias e conquistando para ella applausos e adeptos novos. E tudo isso, por entre as provas mais ruidosas da sympathia e do enthusiasmo do nosso publico que tem em Brailowsky um de seus artistas predilectos.

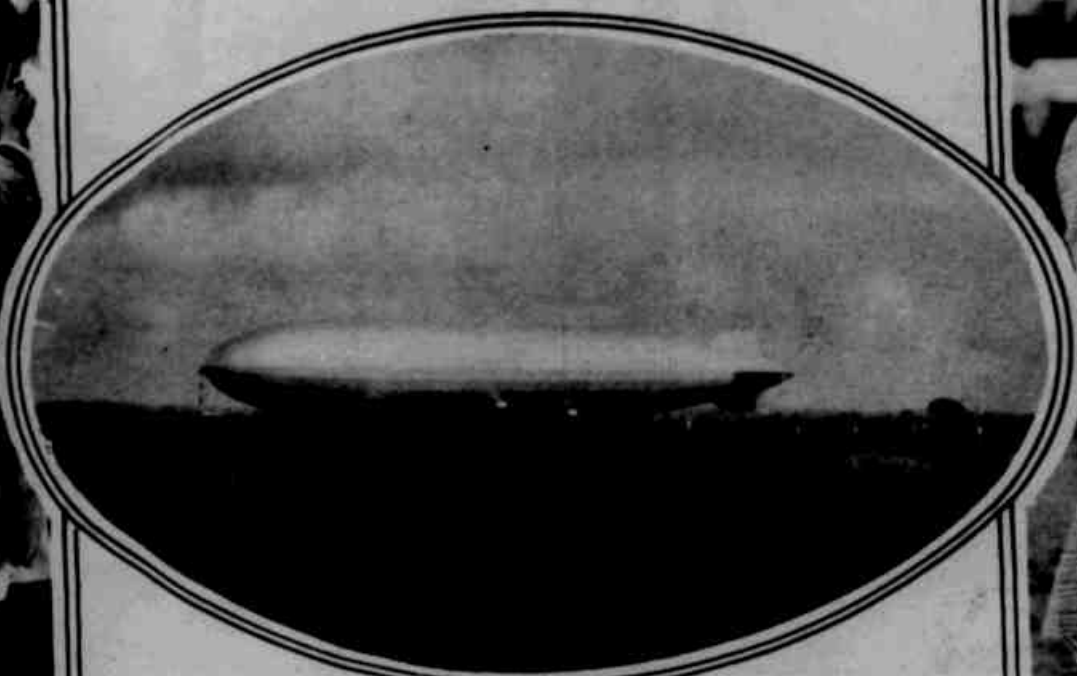
O caracter destas chronicas não me permitte mais do que fazer esse ligeiro registro, não de cada concerto de per si, mas de toda a temporada. Se alguma restricção fosse forçado a fazer, essa seria para lamentar que o victorioso artista, desta vez, não tivesse querido incluir em seus programmas nenhum compositor brasileiro. E

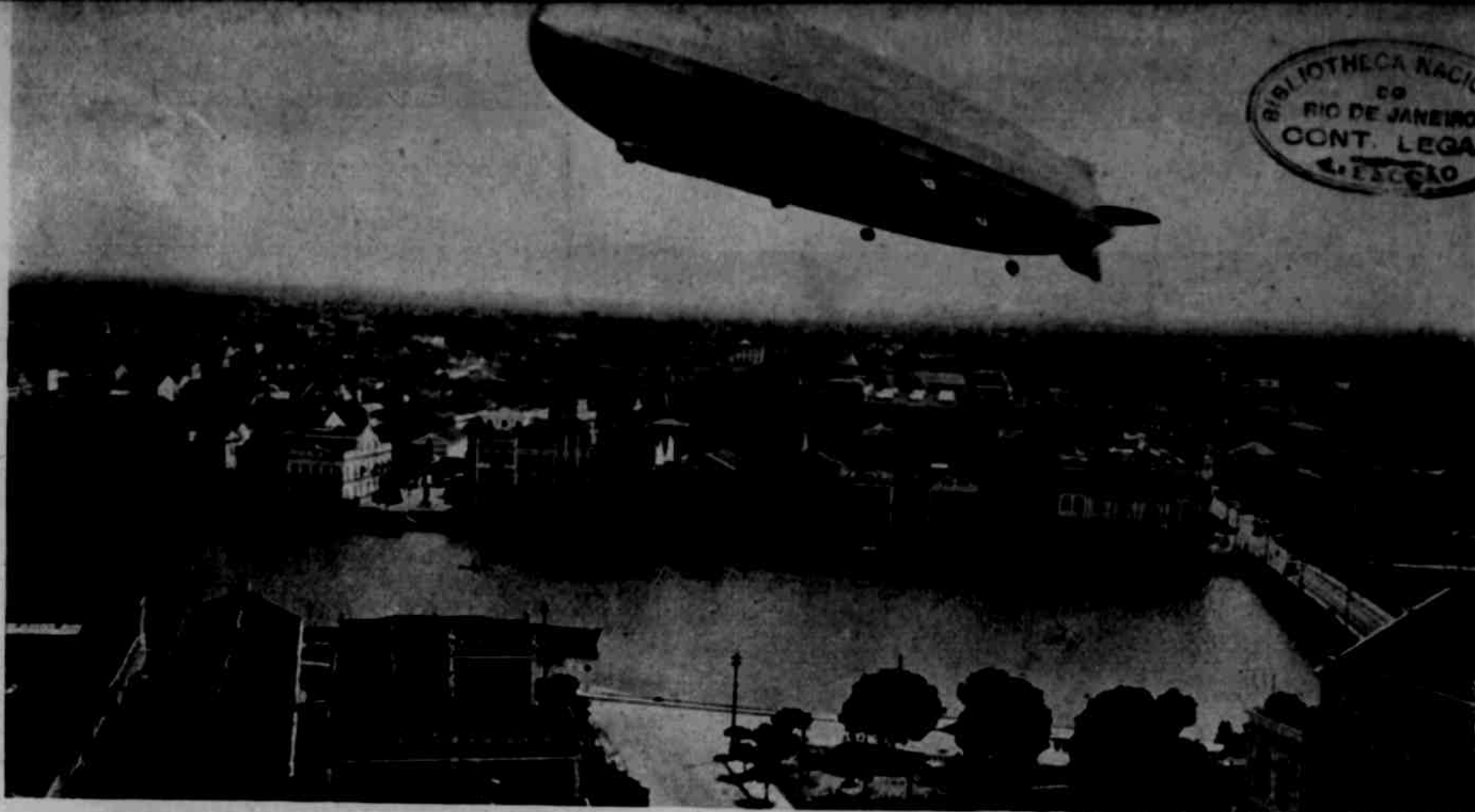
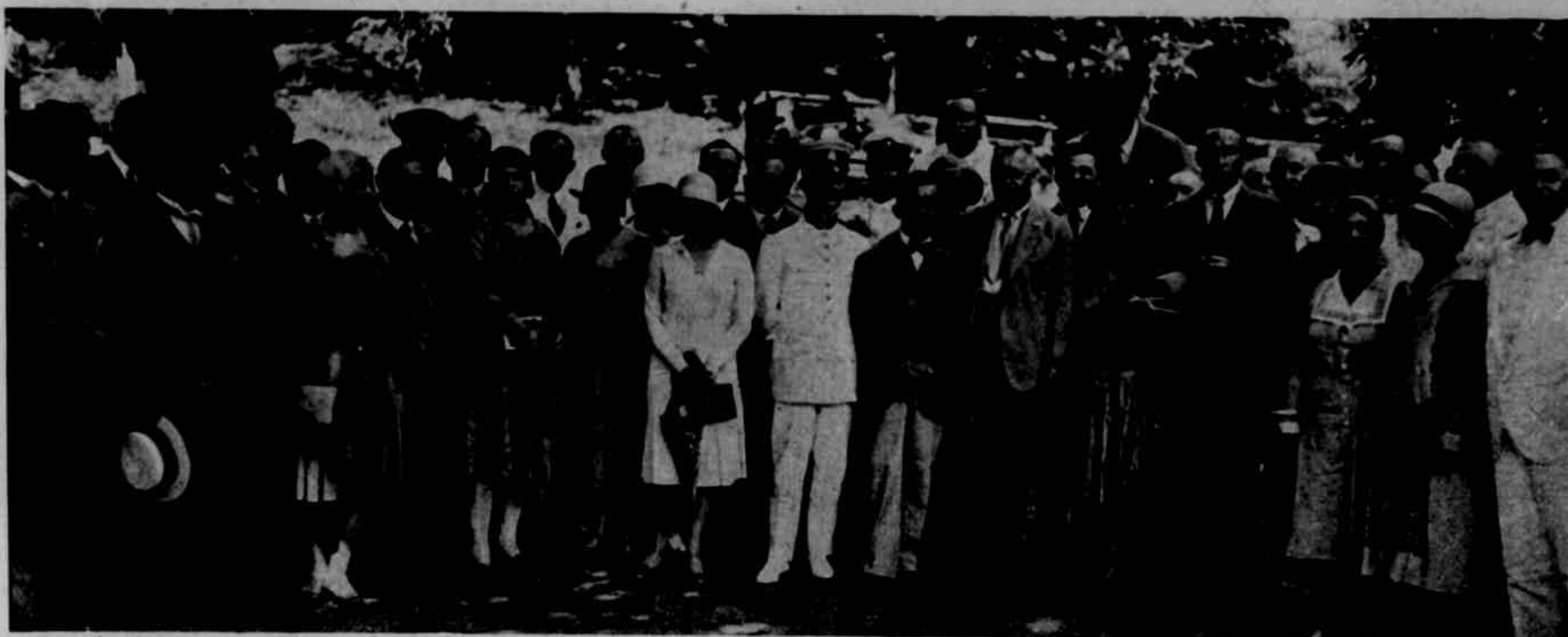
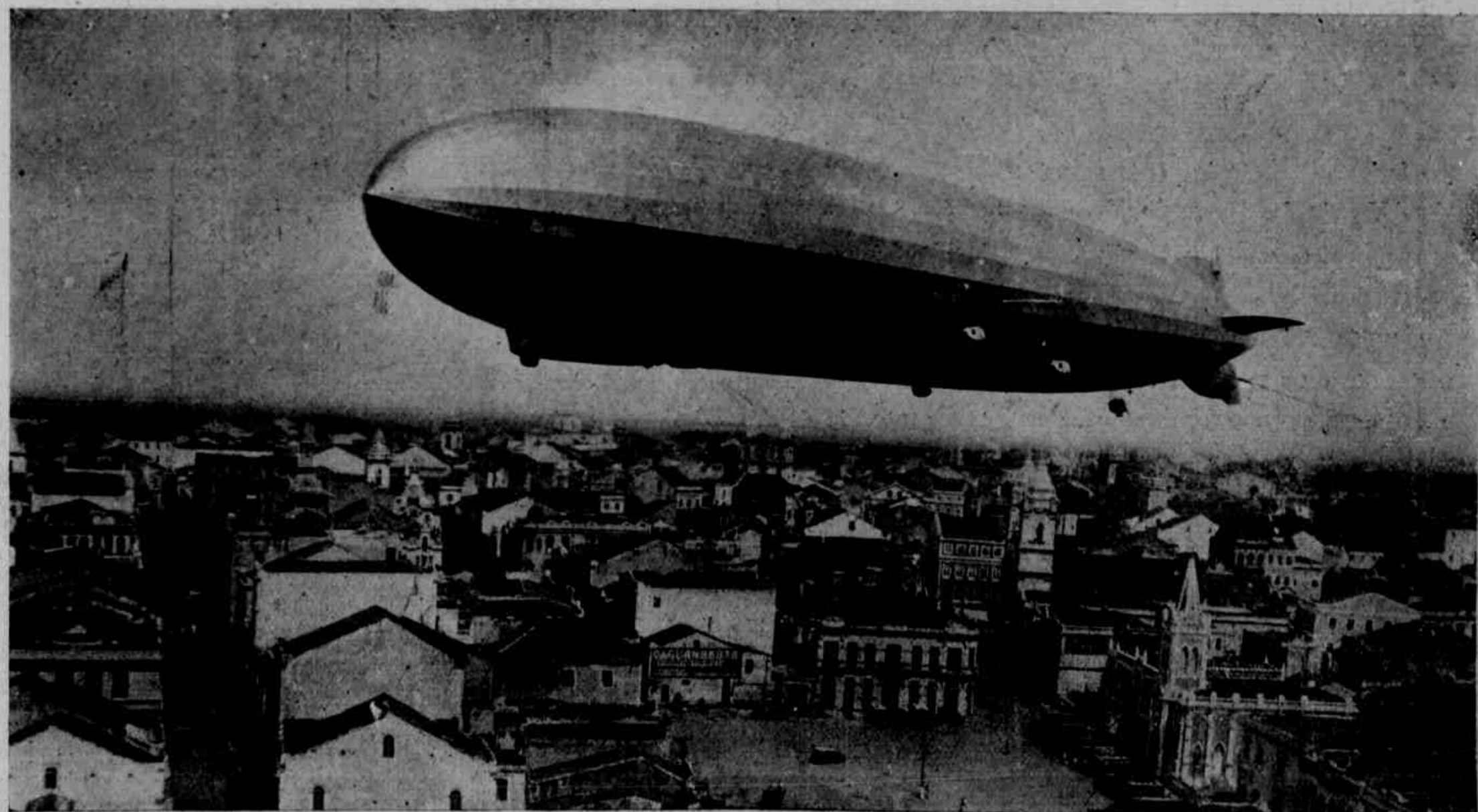
(*Termina no fim do numero*).

O ZEPPELIN EM RECIFE

O commandante Hugo Eckner, ao saltar na capital de Pernambuco, depois da travessia do Atlantico.

A Senhora Hammer, esposa do director da Condor, passageira do Zeppelin, recebida em Recife por seu marido.

VOANDO SOBRE RECIFE
Desenho do pintor Manuel Bandeira

O Graf Zeppelin" no aerodromo de Giquiá (Photos Studio.)

O GRAF ZEPPELIN em Recife

Em cima e em baixo: evoluções sobre a capital pernambucana ao partir para a America do Norte

Mundo official, passageiros, o commandante Eckener no aerodromo de Jequiá

O "baptismo" a bordo do Zeppelin na passagem do Equador

Wir Aeolus, des Hippotes Sohn,
ein Freund der unsterblichen Götter, rechtmässiger Beherrscher
der Luft, des Wetters, der Winde und Passate, Monsune und Kalmen
haben allergnädigst geruht, den Staubgebornen

Veilchen L. V. Cardoso

an Bord des Zeppelinluftschiffes „Graf Zeppelin"
Erlaubnis zum luftigen Überschreiten unseres Aequators zu geben

gegeben an Bord
des „Grafen Zeppelin"
am 22 Mai 1930.

Aeolus
m. p.

Certidão do baptismo do Dr. Vicente Licinio Cardoso na passagem da linha do Equador. A traducção della é esta:

"Nós, Aeolus, Filho de Hippotes, Amigo dos Deuses immortaes, Dominador inconteste do Ar, do Tempo, dos Ventos e Ventanias, Tempestades e Calmarias, dignamo-nos, clementissimamente, de dar permissão á creatura terrestre V. L. CARDOSO, tomando o nome de "Violeta", de passar pelo nosso Equador por via aerea, a bordo da aeronave "Graf Zeppelin". — Dado a bordo do "Graf Zeppelin", aos 22 de Maio de 1930. — AEOLUS. m. p."

O Dr. Vicente Licinio Cardoso offereceu a certidão á Associação da Imprensa Brasileira.

Dr. Vicente Licinio Cardoso, o primeiro brasileiro que viajou no transatlantico aereo da Allemanha.

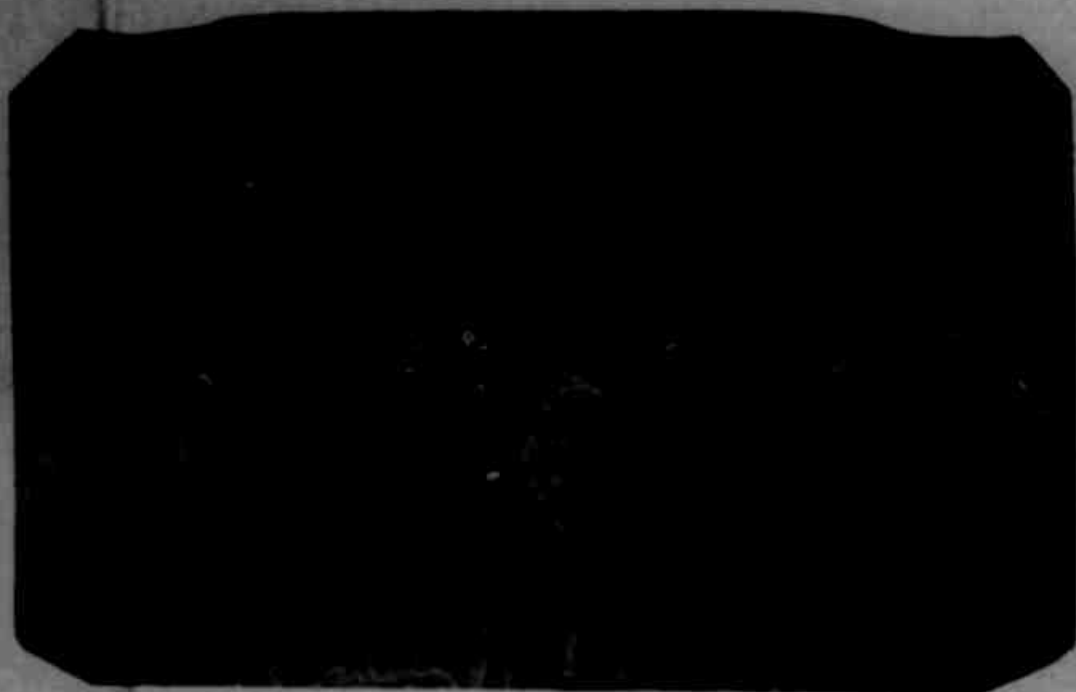
O Graf Zeppelin, domingo, 25 de Maio, no céo do Flamengo, durante o passeio que fez sobre a cidade. Photographia apanhada por Dona Nazareth Prado e por ella gentilmente cedida a "Para tod

"A loucura sentimental"

E' o novo romance de Benjamim Costal'at. Differente de "Gurya", como "Gurya" era differente dos outros livros de Benjamim Costallat. Esse escriptor não se repéte e vae sempre subindo. Até o fim do mez, "A loucura sentimental" apparecerá. E vae ter a sorte de tudo que traz a marca do seu autor: exgottar logo a primeira tiragem. Uma tiragem de 15 mil exemplares.

No centro: antes do almoço que os amigos do Professor Fernando de Magalhães lhe

offereceram, contentes pelo exito da viagem do illustre medico e escriptor á Europa.

Em baixo: conferencia do doutor Jeronymo Monteiro Filho na Sociedade Brasileira de Engenh

No Campo dos Affonsos quando o Presidente da Aeropostale e o aviador Mermoz voltaram á terra carioca e foram enthusiasticamente recebidos.

MERMOZ NO RIO DE JANEIRO

O Late 28 logo depois da chegada ao Rio trazendo a bordo o senhor Bouilloux-Lafont.

Jean Mermoz entre os seus companheiros de travessia atlantica.

O senhor Bouilloux-Lafont saudando Mermoz e agradecendo as homenagens que lhe prestaram.

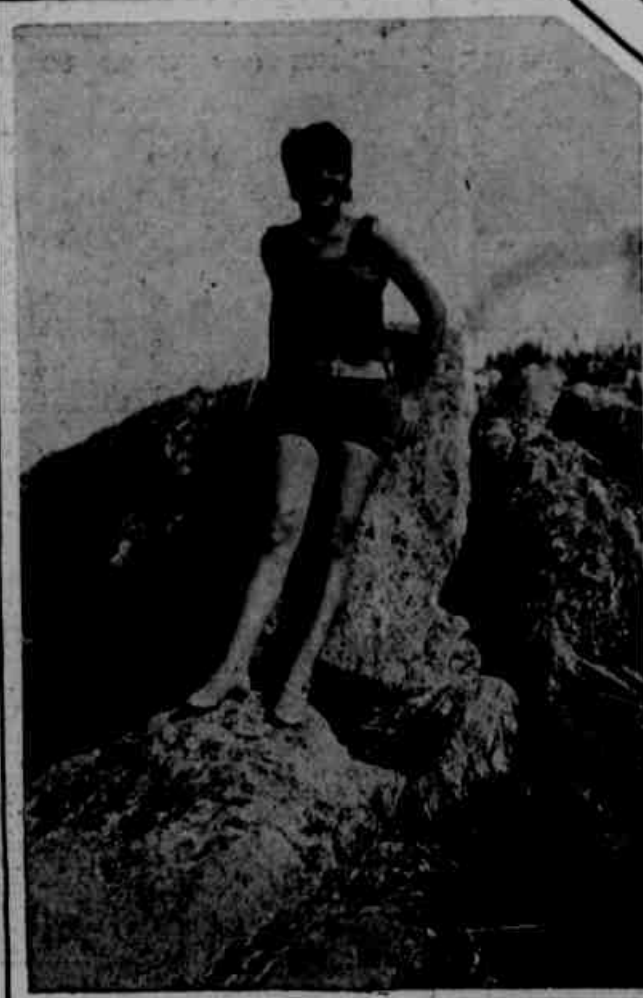
O EMBAIXADOR DEJEAN, A COLONIA FRANCEZA E A COMPANHIA AEROPOSTALE OFFERECERAM UM BANQUETE A MERMOZ E A SEUS COMPANHEIROS

Jean Mermoz e grupos tomados no Hotel Gloria a 28 de Maio

M
R
d
la

Ella quér bem ao mar que é o começo do seu nome...

Senhorita Marina Torre em varias poses apanhadas por Flavio de Andrade.

As areias daquellas bandas sabem de cór o sorriso de Marina Torre.

Na
pra
de
Copaca

Miss Rio de Janeiro

Aqui está um instantaneo do tempo em que ella não era Miss e a avenida Atlantica ainda não tinha bancos de cimento.

Na Praia de Copacabana

A FESTA DO RESTAURANTE PÃO DE ASSUCAR, NA URCA

Foi offerecida pelos proprietarios á senhorita Marina Torre, Miss Rio de Janeiro.

Em cima: a eleita da Capital do Brasil. Em baixo: Miss Tijuca e outras lindas representantes de bairros cariocas.

De
João da Avenida

OS CELIBATARIOS

"Na Europa pegou a moda de taxar os celibatarios com pesados impostos como fórma de os castigar por não contribuirem com o contingente — próle — para a nação desfalcada."

Se a moda attinge a nossa terra, temos
Que ver taxada muita gente bôa:
Por um motivo que desconhecemos
Quasi o nosso paiz não se povôa.

Existem homens que vão a taes extremos
Que acham que a vida a dois não anda, — vôa.
Por isso não embarcam na canôa
Nem levados por extases supremos.

Que pavor elles têm da propria sorte!
Mesmo ao sabor de impostos demasiados
Querem gritar: independencia ou morte!

O que em tudo, porém, me causa raiva,
E' ver que está no ról dos condemnados
Nosso Ataulpho Napoles de Paiva.

VÔOS FEMININOS

"Anny Johnson, aviadora de vinte e dois annos, completou o vôo de nove mil e novecentas milhas entre a Inglaterra e Port-Darwin."
— De um telegramma.

Fatigadas de agir em terra, vendo
Mais futuro no céo que além se arqueia,
As mulheres de agora (eu bem comprehendo!)
Preferem voar... que a terra é muito feia.

No céo, sem contra-mão nem vida alheia,
Emquanto as milhas todas vão vencendo,
Não se apercebem do que estão dizendo
Cá em baixo as linguas vis de legua e meia.

Basta que um homem no apparelho esteja:
Ellas precisam para os seus encantos,
De alguem, mesmo nos ares, que as proteja.

E ante o feito de que se galardôam,
Vamos ver ao final de vôos tantos
Que acabam voando mais que os homens vôam...

Miss Rio de Janeiro
Portrait-charge de Alvarus

O concurso d'"A Noite"

Miss Engenho Novo

A senhorita Cecilia Lussac, Miss Engenho Novo, teve o 2º logar na escolha de Miss Rio de Janeiro.

Aqui estão algumas photographias apanhadas na intimidade da linda carioca pelo "Para todos..."

Concurso Internacional de Belleza promovido e organizado pela "A Noite"

Senhorita Gilda Kopp, Miss Paraná

As mais bonitas do Sul

Senhorita Yolanda Pereira, Miss Rio Grande do Sul

MISS ITALIA

Sete póses da Senhorita Mafalda Mariottino

A linda napolitana de cabellos dourados, que vem ao Rio representar a belleza da Italia, enviou a "Para todos...", gentilmente, estas photographias.

Concurso Internacional de Belleza promovido e organizado pel' "A Noite"

Miss Philippinas

O NOME DELLA E' CONSUELO ACUNA. OS TRAJOS SÃO OS QUE SE USAM EM DIAS DE GALA NAS ILHAS QUE "MISS PHILIPPINAS" 1930 REPRESENTA COM MUITA SYMPATHIA.

Depois da America e depois da Europa a Asia tambem

LILI YUANG
vestida á moda de 730.

SIGLIND WANG
vestida á moda de 730.

STELLA KING
vestida á moda de 1045.

BETTY MA
vestida á moda de 1930.

MISS SHANGHAI 1930
vestida á moda de 1045

No Concurso Internacional de Belleza

Depois do Pathe' Baby

A "rainha" conserva sempre a corôa, util lição para as modernas soberanas. A rainha preside todos os despachos ministeriaes, sempre de corôa e sem temer as incommodas dores de cabeça... E se apparece deitada, tem uma enorme corôa bordada no docel.

OS NUMEROSOS AMADORES DE CINEMA NÃO NOS CONTRADIRÃO SI AFFIRMARMOS QUE A ARTE EX-MUDA CADA DIA, GANHA NOVOS ADEPTOS. O CINEMA ENTROU NOS NOSSOS HABITOS, NAS NOSSAS PALESTRAS. AS PEQUENAS ESPORTIVAS, AS AMANTES DAS PRAIAS, DESEJAM TODAS FAZER PARTE DE UM GRUPO DE CINEMATOGRAPHISTAS AMADORES, PARA SEREM SALVAS DAS ONDAS POR UM BELLO JOVEN OU DOMINAR O AUDACIOSO VILÃO. E' EM INTENÇÃO DESSES ESTREANTES QUE REUNIMOS AQUI ALGUNS CONSELHOS

O "cachorro". Accessorio indispensavel e sympathico: as mãos se encontram ao acariciar o cão.

A "vampiro" veste-se de setim preto... O vestido justo adorna-se com uma cauda assassina e um bordado "falante"... qualquer coisa como uma serpente de ouro, enrolada ao corpo, devorando uma orchidéa pousada sobre o hombro. Todos comprehendem logo que essa creatura provoca desordens em todos os corações.

O film "differente" não se preoccupa com questões insignificantes. Elle pinta os estados de alma, e a estrella apparece com um vestido de sarja preta que a nossa criada de quarto rejeitaria. Por que um estado de alma só se póde traduzir em semelhante quadro?

Nos "pantanos", Evelyn Brent nos ensina a vestir. E' preciso uma certa ousadia para seguir o seu exemplo. Quem irá dar um passeio num lago com um vestido de mousseline de sêda, que a bella botou para atravessar, num bote os pantanos!

De Cinema

CORINNE GRIFFIT DE COSTAS PARA O ESPELHO E DE FRENTE PARA VOCÊS.

Com André Brulé

Theatro Municipal. "Matinée" de Domingo. Platéa numerosa. Já havia principiado o espectaculo. Na caixa, vae-vem dos artistas pisando com cuidado para não fazer barulho, machinistas, contra-regras, bombeiros, fios electricos, reflectores, scenarios que irão servir, outros mais afastados, cordas... Trocam-se palavras em surdina. "Le Prince Jean" figura no cartaz e está sendo vivido no palco.

Cá fóra, frio, humidade, chuvisqueiro desde o amanhecer. A profusão de lampadas aquece a caixa do theatro. Atmosphera, portanto, agradavel por todos os motivos.

Sento-me numa cadeira, perto de outras onde ha pilhas de "Le Journal", "Le Matin", e mais folhas francezas. A' minha frente, Lucien Brulé, amavel e risonho pede-me que espere, espere um pouquinho, um bocado... E eu tambem esboço um sorriso, porque não tinha pressa alguma, estava perfeitamente bem... Um dos comparsas da peça, somnolento, sentado mais adiante, troca, de quando em quando, um olhar com outro, de "pardessus" e chapéo molle, desabado, barbas espessas, consulta um caderno aberto sobre a vitrola tambem prompta a funccionar. Os dialogos se succedem. Animam-se os artistas. Ouve-se a voz de André Brulé, modulada ao geito da personagem que incarna e ao geito por que a comprehendeu. Aproveito-me da boa vontade do irmão do grande artista, irmão tambem na carreira que ambos abraçaram, e indago da companhia. Brulé que trabalha no theatro da "Madeleine", em Paris, trouxe todo o conjuncto, com rarissimas excepções, estas mesmo de figurantes de pequenos papeis, e trouxe a grande "vedette" Madeleine Lély. Desta vez a companhia franceza não descurou os scenarios, nem o rigor no vestuario das actrizes, vestidas pelos mais afamadas modistas parisienses. Cada representação é um mostruario de elegancia, como o é de arte. E eu, as vi de perto, as actrizes e as elogio, chamo-as de bonitas na minha opinião de mulher...

Palmas, muitas palmas. Cerra-se o velario. Brulé sae da scena. Digo-lhe ao que ia. Mostro-lhe a revista.

— E' para o "Para todos..." que lhe peço algumas palavras...

— Já a conheço...

Os dois artistas que inauguraram a estação official de 1930, no Rio.

— A' revista?...

Sorrimos. E Brulé:

— Conhecia a revista, hoje conheço tambem a senhora.

— Tem pouco tempo. Diga-me as suas impressões...

— Do Rio de Janeiro? Ha onze annos, seguramente, eu o senti como se sente um dos mais admiraveis espectaculos da natureza.

— O publico desse tempo...

— Magnifico. Mas o de hoje, naturalmente pela evolução, é mais exigente, como a cidade mais bella, mais seductora, mais maravilhosa...

— Agora...

— Não quero ainda falar na volta, porque estou sob a acção do encantamento. E feliz, e alegre pelo exito da estação, pela acolhida do publico.

Interrompeu-nos Lucien Brulé para dizer que todo o mundo official, por si e na palavra do Prefeito da cidade havia enviado um applauso effusivo pela brilhante temporada.

— Qual das peças a que prefere representar? — perguntei a André Brulé.

— Ser-me-ia difficil dizer-lhe. Gosto de todas. São papeis differentes, cada qual merecendo acurado estudo, enthusiasmo diverso.

— E trouxe no seu repertorio...

— Justamente as que levei em Paris, com os mesmos artistas, e mór parte creadas pelo nosso conjuncto.

— Assim, está contente?

— "Ravi, vraiment ravi".

Toca o primeiro signal. Brulé corre a trocar o seu "veston" pela casaca. Já os outros artistas passeiam pelo corredor em "tenue de soirée". E as actrizes resurgem de hombros nús e longas salas de luxuosos tecidos.

Ainda espero pelo artista, para agradecer-lhe a pequena "causerie". Lá em cima, mademoiselle Prady cantarola, alegrissima, debruçada no corrimão da grade. Procuro cumprimentar a grande Madeleine Lély, que se demorou em virtude de um pequeno incidente provocado pelo vestido que ia exhibir. Ella tambem dá um retrato para a revista. Segundo signal... Terceiro... A platéa toda a postos espera silenciosa. E é o Rio "chic", tanto quanto o que, na vespera, em recita de assignatura, applaudira "Satan", em "soirée" elegantissima, obrigada a casaca e decotes, cortezias, trocas de idéas, bombons e "flirts" nos intervallos.

Prompto!

Descerram-se, lentamente, as pesadas cortinas de velludo ouro fôsco. Move-se a sala num movimento unisono e surdo de absoluta attenção. "Le Prince Jean"... André Brulé... Madeleine Lély...

ALBA DE MELLO

Allô!... Allô! é de Paris que fala? Allô!... Allô! aqui é do Rio

Seria interessante poder-se resuscitar alguem fallecido ha vinte annos apenas, em 1910, para ouvir-se-lhe as impressões sobre os progressos da civilização em 1930.

Falassemos-lhe, primeiro, das corridas automobilisticas do coronel Seagrave, cobrindo distancias maiores de duzentos kilometros á hora... E depois, para acalmar-lhe os nervos, lhe fizessemos ouvir o repertorio de um "jazz" em Buenos Aires, ou em Nova York...

Que diria a isso o resurgido?...

Acreditaria ter voltado, realmente, ao mundo de que sahira duas decadas antes?

Ainda seria possivel que assim pensasse.

Mas se lhe mostrassemos o carimbo postal de Paris, trazido por Mermoz ao Rio, de avião, apenas em tres dias?

Naturalmente, então, teriamos que provar-lhe a veracidade do facto, por um outro ainda mais espantoso. Mandariamos que elle perguntasse de viva voz, pelo telephone, ao administrador do Correio de Paris, se de facto as cartas trazidas por Mermoz tinham sido lá carimbadas na ante-vespera...

Esses factos, capazes de fazerem de novo morrer de assombro a um morto em 1910, agora resuscitado, são, entretanto, por nós assistidos já sem maior espanto.

E foi com esta ordem de idéas que entrámos no Parc Royal, para ouvir de um dos chefes do conhecido "magazin" carioca, o Sr. José Ortigão, a sua impressão pessoal sobre o serviço radiotelephonico entre o Rio e Paris, do qual sabiamos ter-se elle já utilizado.

O Parc Royal é um pequeno mundo dentro do Rio de Janeiro. Nelle estão representados todos os paizes pela procedencia de artigos para todas as utilidades.

Caminha-se ali com difficuldade, acompanhando, sendo seguido e se encontrando com centenas de pessoas que compram a dezenas de vendedores.

Vem bem aqui a imagem de formigueiro humano.

Alcançado o elevador que serve ás secções superiores e aos escriptorios da casa, fomos até á Gerencia. Não estava o Sr. José Ortigão. Informou-nos um empregado que o encontrariamos na loja...

Senhor José Ortigão, socio do Parc Royal, que falou pelo telephone com a sua filial de Paris.

Desanimámos, quasi. Como encontrar-se uma creatura no meio daquella multidão que se acotovelava, cada pessoa no desejo de ser servida primeiro que as outras? E por que não falar ainda na difficuldade que tambem nos creavam os tecidos e mercadorias, que se levantavam a altura sufficiente para restringir o nosso horizonte visual?

Depois de muito o procurarmos, aqui e ali, descobrimos o Sr. José Ortigão num escriptoriozinho de emergencia, uma secretária apenas, com duas cadeiras, escondido por detraz de peças desenroladas de tecidos...

Tivemos que esperar, até que elle despedisse as pessoas com quem falava.

Declarada a nossa qualidade de representante de "Para todos...", como o fim da nossa visita, respondeu-nos o joven commerciante, com um sorriso de acolhedora sympathia:

— Alegro-me muito que a sua bella revista tenha tido a idéa de ouvir-me sobre o serviço radiotelephonico. A minha impressão sobre elle é magnifica, optima, intraduzivel por palavras! O meu amigo Dr. Rodrigo Octavio Filho, um dos directores da Companhia Radiotelegraphica Brasileira, que tomou a louvavel iniciativa de dotar a nossa capital com o serviço telephonico transatlantico, já havia me falado das excellentes condições desse serviço. Mas, embora assim preparado, justifico plenamente as crises nervosas que a emoção do facto produz em alguns temperamentos demasiado delicados. Fiquei maravilhado! Não sei de outra palavra para dizer o que senti.

Dois dias antes havia eu pedido uma ligação para o escriptorio do Parc Royal em Paris. Recebendo o aviso da companhia, de que a determinada hora seria feita a ligação por mim pedida, apresentei-me á séde da Radio-Bras com quinze minutos de antecedencia. Calcule a minha curiosidade... A minha impaciencia...

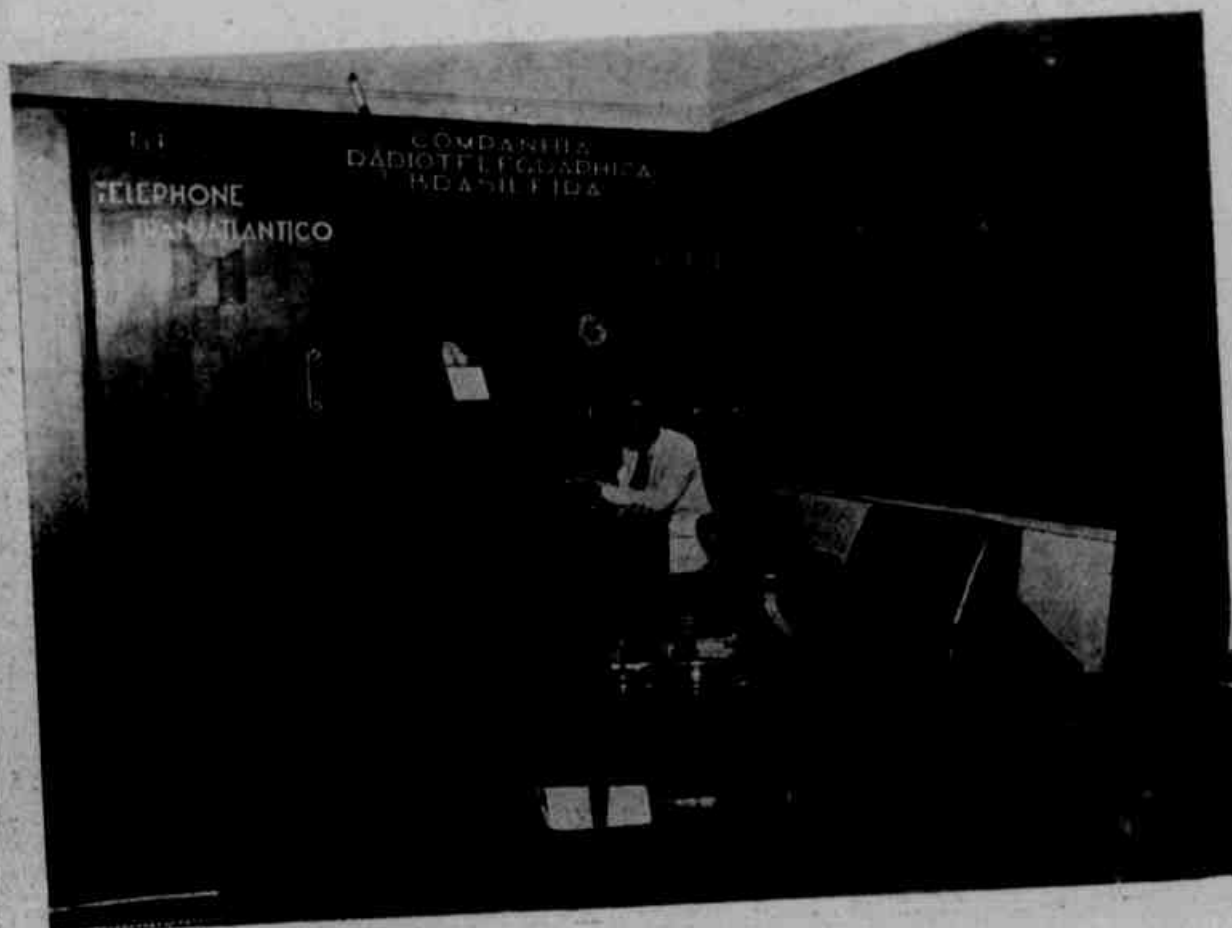
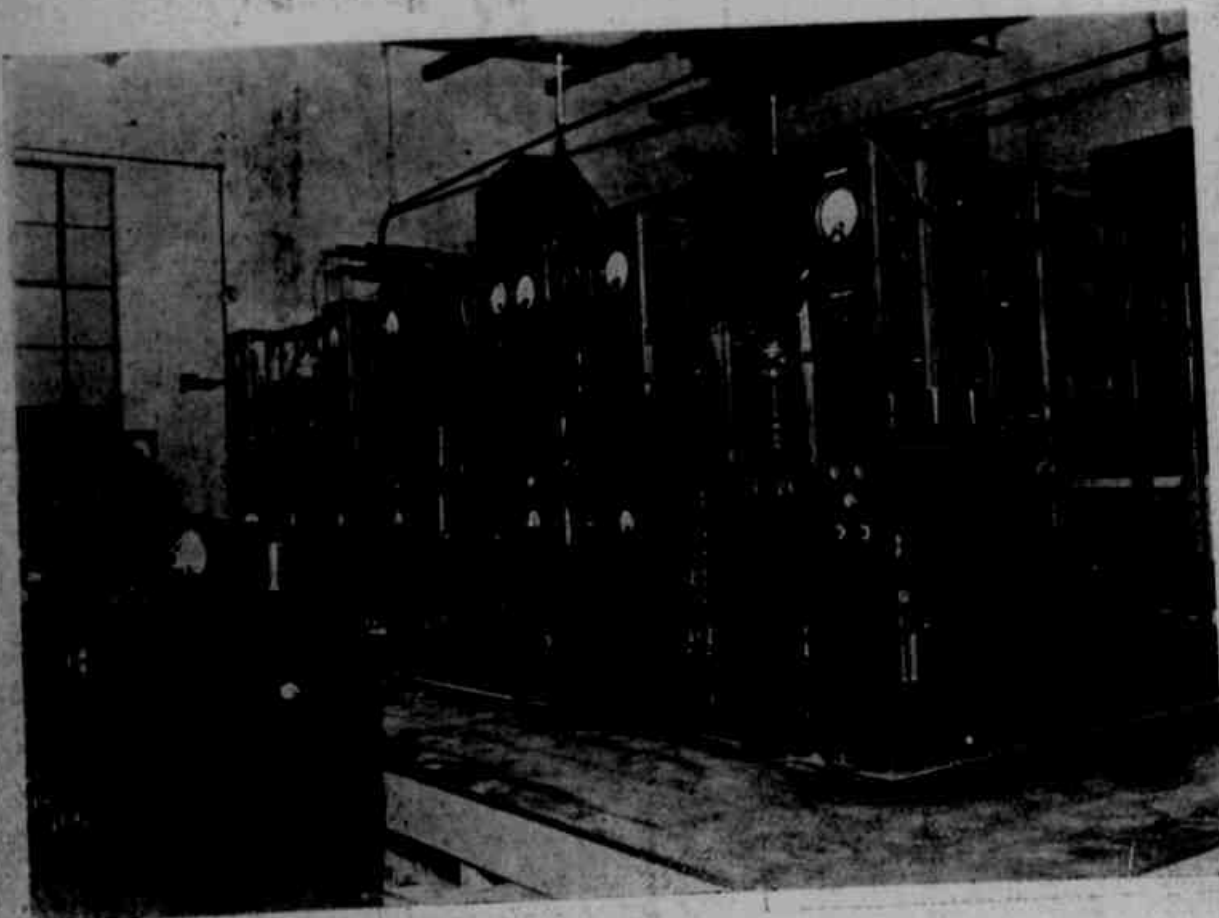
Fui introduzido na cabine do telephone. Nenhum ruido de fóra. Fiquei inteiramente isolado do barulho carioca...

Momentos depois o letreiro luminoso numa placa pedia — "Attenção". Colloquei os receptores nos ouvidos e, com mais alguns minutos, ouvi com perfeito timbre de voz:

— "Allô!... Allô!... E' o Sr. José?! Mas é o Sr. José realmente?! E está falando do Rio?!..."

(Termina no fim da revista)

O transmissor de ondas curtas (typo "Beam" Marconi) que irradia as conversações radiotelephonicas na estação transmissora de Santa Cruz.

O telephonista da Radio-Bras, na mesa de controle, fóra da cabine em que se fala para a Europa.

O baile do Praia Club festejando a inauguração do telephone automatico em Copacabana

Constituiu uma nota do mais elegante mundan'smo o bai'e sabbado ult'mo realizado pelo Praia Club, na Avenida Atlantica, em regosijo pela inauguração do serviço de telephones automaticos naquelle aristocratico bairro, como tambem nos de Leme e Ipanema. A Avenida Atlantica, nas immediações do Pra'a Club, apresentava um aspecto festivo, illuminada pela claridade que jorrava da fachada da elegante sociedade. Duas excellentes orchestras tocaram durante o baile, do qual reproduzimos aqui alguns interessantes aspectos photographicos.

No Fluminense Football Club

Artistas que tomaram parte na Noite Brasileira organizada pelo senhorita Magdala da Gama Oliveira: senhoritas Laura Suarez, Celina Sampaio, Lou de Moreira Santos, Antonietta Ramalho, Genny Rebuá e senhores Newton Ramalho, Brenno Ferreira, Joaquim Formita, Fluvio Veiga. Em baixo: a sala do Gymnasio.

Olinda.
Praia do Pharol,
Z^4.
Simbolo chimico da energia
dos homens do mar
da minha terra.
Simbolo
no angulo do alto
de velas pandas triangulares concavas de vento
como brazão
duma raça carbonisada de sol
e salpicada de mar
mar bravio...

Z^4.
agulha de marear
que gira sobre os 4 pontos cardeaes
num lampêjo imantado
de arrôjo e coragem
que vem de dentro do olhar
do pescadôr
DESTE BRASIL DE CA'.

Z^4.
vento nordeste que solfeja
a resonancia
mixta
das cantigas do jangadeiro — poeta
das minhas praias
que parte e chora para o mar a saudade dos seus
e volta e canta para a gente a saudade do mar...

FERREYRA DOS SANTOS

APRESSADA?

— Ando depressa.

— Se não tem pressa não precisa correr tanto.

— Habito...

— Todos os dias a mesma coisa?

— Quase todos os dias o mesmo caminho. Todos os dias parte do mesmo caminho. Na outra parte, pequenissimas variações, tão pequenas que chegam a dar no mesmo.

— A Avenida...

— A Avenida, antes da S. José á Ouvidor, é agradavel. Imprescindivel para quem quer encontrar belldades e elegancias.

— Todos os dias?

— Nuns, concorrencia mais fina, gente mais apurada de roupas, mais cuidadosa da linha elegante.

— Exemplo.

— Segundas, quintas, sextas... Aos sabbados, aspecto differente. Copacabana, Botafogo, Laranjeiras, Flamengo comparecem. Immiscuem-se, misturam-se á Cidade Nova. Verdade é que vêm em menor numero. Mas gostam de apreciar o suburbio que se guarnece de sedas e berloques, reboca-se de vermelho e branco e vem correr as ruas da Carioca.

— Está no seu direito.

— Quem lhe disse o contrario? Justamente por ser differente distráe. A alegria nunca seria boa se não tivessemos dias de tristeza. Tudo sempre muito bom, de tão bom enfastiaria.

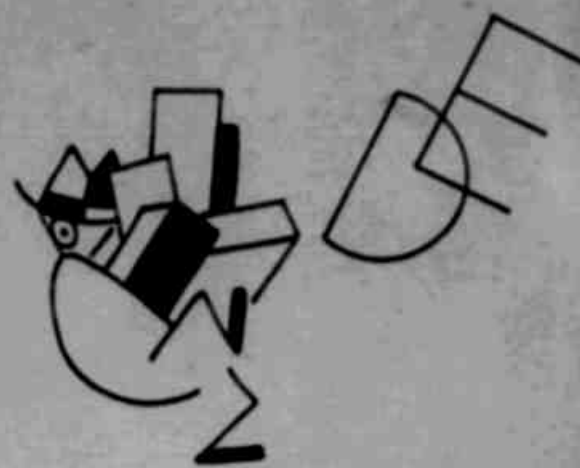
— Quando se veste de preto não traz sapatos e chapéo pretos, e bolsa?

— Ha sempre qualquer coisa para quebrar a monotonia. Uma flor, a meia canella, um debrum branco, uma góla-echarpe branca ou rosada, o "renard" ouro ou "argenté"...

— Que é que está mais na moda?

Tudo que não fuja á regra geral, addicionada á graça particular de cada uma. O traço rigoroso da nova moda e os mil nadas da fantasia dos creadores para a creadora fantasia das elegantes.

— E' então pelo contraste?

— Approxime-se desta vitrine. Casaco de velludo musselina "moiré", preto, guarnecido de "renard". A tres quartos para que appareça o movimento, em fórma, da saia de velludo liso. Tecido negro. Mas nos desenhos do casaco com o liso da saia, o elegante contraste. Muito mais interessante assim, e menos banal. Egualsinho dos pés á cobeça, feitio bitola... Tenha paciencia...

— Diga.

— As "écharpes" serão "berthes", que, por sua vez se transformarão em "jabot", este, numa góla, e esta póde servir de cinto ou faixa.

— Fatima Miris?

— Parece. Voltaram-nos os "robes-manteaux". Vieram como "six-piéces". Na minha ultima cronica publiquei alguns modelos. Capa, vestido para de manhã e á

— Conte alguns.

— Repito-os. Porque os li. Coisa alheia.

tarde, saia e blusa.. O mais interessante é a pelerine. Não podia ficar esquecida se a boina é a febre contemporanea. Pelerine e boina, o que ha de mais estudante. Juvenilidade e loucura. Todas as mulheres serão collegiaes pelo traje e pelo traje poderão fazer muita tolice. Se não tiverem pouca idade terão, pelo menos, a desculpa de que a roupa illude quem a admira, e ainda mais quem a veste. Pequenino trabalho de auto-suggestão. A alheia conta muito pouco.

— Seis horas! Como passou o tempo!

— Está claro...

— Vamos ao "driuk"?

— Vá só. Não se esqueça de que, variar, nem que seja para peor, é differente, serve.

— Por que isso, hoje?

— Porque a mulher mais em destaque, na actualidade, é a Greta Garbo, e chegou a isso por ser sempre "differente".

— Fala serio?

— Vá embora.

—o—

Figurinos: "manteau" para a noite. Velludo "beije" palido enfeitado de "renard" branco; jaqueta e saia de crêpe preto e góla — écharpe estampada; "manteau" a tres quartos guarnecido de "breitshwanz" num vestido de tarde; outro casaco de meio comprimento: "drap" amarello poeira e preto; vestido de velludo de lá e astrakan; um lindó córte de capa de kasha havana. A pelerine cobre um hombro só; crêpe preto, espesso para um "robe-manteau" que termina em forma e góla e punhos de "breitschwantz"; kasha preto num modelo pratico; "drap" fino para um "tailleur" guarnecido de "agneaurasé"; voile" de seda marinho e "revers estampado.

—o—

Na "lingerie" como nas roupas de cima, no inverno ou no verão o cuidado de conseguir tecido bom e de côr firme deve ser primordial. Por isso, toda a elegante prefere os panos que trazem a etiqueta "Indanthren". Breve não haverá quem desconheça tal coisa. Um vestido desbotado pelo sol ou pelos pingos da chuva é um tormento. Se custou caro tanto peor. Se ficou bem talhado peor ainda. E o remedio que nos in indicam para taes accidentes é o que acima alludi.

SORCIÈRE

Os Cogumelos

Não é preciso mais do que um dia e uma noite de chuva. Logo, na cercas, os açafrões ascendem suas pequenas lamparinas. Logo, nos bosques, surge amontoada a multidão burlesca dos cogumelos.

Existem cogumelos de todas as côres e de todas as fórmas: esverdeados, cinzentos, cremes, vermelhos, ruivos, alaranjados, ou de um amarello pallido; em grupos desiguaes ou em familias reunidas, elles evocam, não sei por que, os anões.

Parece, ás vezes, que gnomos se sentaram sobre alguns, achatando-os... Outros são guarda-chuvas de fadas... Aquelles, chapéos chinezes para os esquilos; estes, grandes e rectos, rodeados de minusculos, mas do mesmo feitio, fazem pensar na *Table Roude* e nas cadeiras dos seus cavalleiros...

Os saborosos cogumelos rosados brilham como o nariz frio da aurora no outomno.

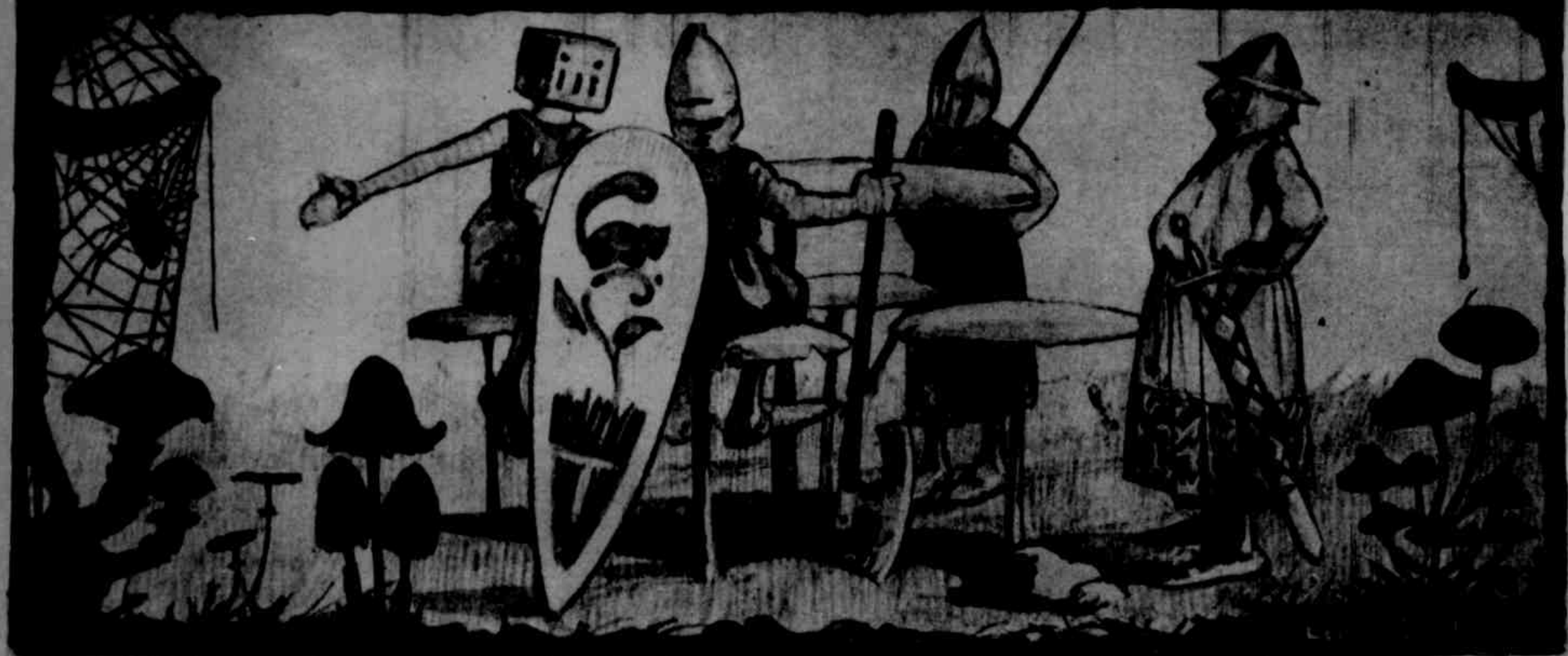
Os mais bonitos têm a parte inferior finamente pregueada á japoneza; e ha os esponjosos, ainda humidos das chuvas que os fizeram nascer, preparados para lavar a cara matinal da lebre e do coelho.

Ha os quebradiços e os elasticos, os tenros e os frageis, os concavos que guardam na cupula a chuva e o orvalho, os bizarramente convexos, alargados como tectos de pagodes...

O bom *cèpe* acastanhado diz: — Não tenha medo, não sou venenoso...

Mas nós não os colhemos, nós os deixamos para que os anões, se forem viajar, possam fazer delles bellos alforges, flexiveis e lustrosos.

GERARD D'HOUVILLE.

(Desenhos de Louis Bailly)

Arcebispo D. Sebastião Leme

S. E. o Cardeal Arcoverde

Nuncio D. Aloisi Masela

Bispo D. Benedicto

Bispo D. Alberto

As homenagens do Brasil ao Cardeal Arcoverde

A "Illustração Brasileira" consagra o seu numero de Maio, á venda, á memoria do saudoso Cardeal D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti. Toda a vida do eminente prelado, da infancia á morte, encontra-se documentada com as mais preciosas photographias e com a biographia feita pelas figuras mais eminentes do Clero e das letras patricias.

Monsenhor Aloisi Masela, Nuncio Apostolico; D. Sebastião Leme, Arcebispo do Rio de Janeiro; Monsenhor Egidio Lari, audictor da Nunciatura; D. Benedicto Paulo Alves de Souza, Bispo do Espirito Santo; D. Alberto Gonçalves, Bispo de Ribeirão Preto; D. Henrique Mourão, Bispo de Campos; Conde de Affonso Celso; Professor Dr. Leão de Aquino; Dr. Max Fleiuss; Monsenhor Gonçalves de Rezende; Monsenhor Costa Rego; Conego Mac Dowell; Padre Dr. Henrique de Magalhães; Padre Antonio Carmello; Mons. Dr. Felicio Magaldi; Padre Armando Guerrazi; Dr. Annibal Freire; Dr. Gilberto Amado; Dr. José Maria Bello; Professor Eustorgio Wanderley; Dr. João de Minas e Dr. Pinto Filho, além de outros, assignam brilhantes artigos sobre a personalidade do Primeiro Cardeal da America Latina, D. Joaquim Arcoverde.

A edição da "Illustração Brasileira" dedicada ao Cardeal Arcoverde, constitue preciosa obra que deve ser lida pelos catholicos e figurar na estante de todos os sacerdotes. A Empresa Editora da "Illustração Brasileira" esmerou-se na confecção desse numero, que se encontra á venda em todos os pontos de jornaes do Brasil, ao preço de 5$000. Para attender, no emtanto, á procura que certamente terá essa edição da "Illustração Brasileira", a Empresa Editora reservou alguns exemplares para os leitores do interior do Brasil onde, por acaso, não exista agencia de jornaes. Estes leitores poderão fazer seus pedidos, acompanhados da importancia de 5$500, para a Empresa Editora da "Illustração Brasileira" — Travessa do Ouvidor, 21 — Rio de Janeiro.

Bispo D. Mourão

Monsenhor Lari

Conde Affonso Celso

Dr. Leão de Aquino

Dr. Max Fleiuss

Monsenhor Rezende

Padre Dr. Antonio Carmello

Monsenhor Dr. Felicio Magaldi

Monsenhor Costa Rego

Padre Dr. Henrique Magalhães

Conego Dr. Mac-Dowell

Padre Armando Guerrazi

ALLÔ !... ALLÔ ! E' DE PARIS QUE FALA ?
ALLÔ !... ALLÔ ! AQUI FALA DO RIO...
(Fim)

Respondia-lhe eu, então, ao gerente da nossa filial em Paris, o José Cerqueira:

— "Sou eu, s'm, Cerqueira. E estou no Rio, fa'ando com você em Paris..."

— "Mas é inacreditave', Sr. José!... Eu estou falando aqui do seu escriptor'o; todos os empregados da casa estão perto de mim, participando do meu assombro... E o senhor, está falando mesmo do Parc Royal?...

— "Não, estou falando do escriptorio da companhia telephonica transatlantica."

— "Pois eu fa'o da sua propria casa, aqui da sua mesa... E o estou ouvindo perfeitamente, como se estivessemos sentados um deante do outro ! ! ! "

A esta altura de sua enthusiastica descripção da primeira telephonema que deu para sua filial de Paris, foi o Sr. José Ortigão interrompido por alguem que lhe desejava fa'ar sobre outros assumptos. O joven chefe do Parc Royal attendeu rapidamente ao recem-vindo, e tornou á nossa palestra, dizendo:

— Ouve-se melhor de Paris, na Avenida Rio Branco, que de Botafogo, ou de qualquer outro bairro da cidade. Reconhece-se perfeitamente a voz da pessoa com quem se fala, o que nem sempre acontece no te'ephone urbano.

E como fizessemos uma observação sobre a possivel conveniencia da Companhia Telephonica, da Light, entrar em entendimento com o serviço telephonico transatlantico da Radio-Bras, para que os assignantes daquella tivessem a facilidade de falar para a Europa de suas proprias residencias, ou escriptorios, — disse-nos o senhor José Ortigão:

— Seria optimo um entendimento nesse sentido. O gerente da nossa casa em Paris falou commigo do nosso escriptorio. E eu acredito que a Light não creará difficuldades a esse accôrdo pretendido pela Radio-Bras. As duas companhias serviriam assim melhor ao publico. Ou melhor, servirão, porque é de esperar-se que esse accôrdo seja firmado dentro de pouco tempo.

Sociedade Anonyma Garantia de Renda Immobiliaria

Inauguração da Renda Immobiliaria do Rio de Janeiro

Inaugurou os seus serviços, na sexta-feira passada, a Sociedade Anonyma Garantia de Renda Immobiliaria, do Rio de Janeiro, na rua da Candelaria n. 38. A sua directoria compõe-se de seis membros: João da Costa Nogueira, presidente; Miguel Franco, vice-presidente; Antonio Pinto do Rego Freitas, thesoureiro; Nestor Gomes Oliva, secretario; Bento Galvão da Costa Braga, commercial; e Annibal Ribeiro de Mel'o, gerente. A photographia acima, mostra os quatro directores presentes á inauguração e que são os de branco, a dois e dois, nas extremidades da mesa do "lunch" offerecido aos conv'dados.

HISTORIA DA MUSICA
PELA SENHORA SCHUMANN HEINK

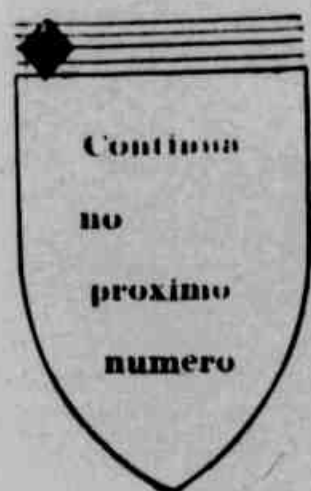
A Opera na França

A grande opera foi estabelecida na França por um compositor florentino chamado Jean Baptista de Lully, famoso durante os meiados do seculo XVII. Nas suas composições elle infundiu um encanto e um sentimento que desde então foram considerados caracteristicos da musica parisiense.

Lully foi o chefe de orchestra da brilhante côrte de Luiz XIV, e o proprio rei frequentemente dansava ao som da musica dos seus bailados. Devido ao alto patrocinio régio, elle conseguiu transformar a opera em divertimento elegante. Elle era immensamente popular no seio do publico francez.

O primeiro verdadeiro compositor francez de opera foi Jean Philippe Rameau, nascido em 1683, discipulo de Lully e compositor muito versatil. Até a idade de 50 annos, foi conhecido como autor de encantadoras peças de harpsicordio, porém mais tarde escreveu muitas operas populares.

Uma luta de operas estalou na côrte de Paris. O rei favorecia Rameau e a rainha era do lado dos compositores italianos. Rameau, que era de natureza muito timida, foi muitas vezes descoberto em um camarote durante a representação das suas operas, temendo demonstrações hostis.

Continua no proximo numero

Clinica Medica de "Para todos..."

MODERNO TRATAMENTO DAS HEMORRHAGIAS

Para dominar rapidamente as hemorrhagias, o valor dos classicos medicamentos vaso-constrictores, — ergotina, adrenalina, gossypina, etc. — e a actuação do sôro gelatinado e dos solutos de chloreto de calcio vão cedendo logar, na therapeutica moderna, a um processo tão simples quanto efficaz, — a utilisação do citrato de sodio, realizada por meio de injecções endo-venosas.

Prescreve-se trinta grammas de citrato de sodio, dissolvidas em cento e vinte centimetros cubicos dagua distillada e rigorosamente exterilizada. E, com as precauções adoptadas ordinariamente, injecta-se no vaso apropriado que é a veia situada precisamente ao meio da préga do cotovello, quinze, vinte e mesmo trinta centimetros cubicos do medicamento, conforme a gravidade da hemorrhagia a combater.

A actividade therapeutica do citrato de sodio, evidencia os mais surprehendentes resultados, nas hemorrhagias nasaes, pulmonares, gastro-intestinaes e genitaes, sejam quaes forem os elementos causadores de semelhantes anormalidades

Como prevenção, não deve o clinico jámais se desaperceber de que as injecções de citrato de sodio determinam um certo conjuncto de perturbações, — angustia, pallidez, acceleração do pulso, variações da temperatura, etc.

Taes perturbações, porém, desapparecem bem depressa e nenhum accidente tem sido registrado, com o emprego do citrato de sodio, por via endo-venosa, feito com o intuito de combater as hemorrhagias.

CONSULTORIO

F. A. U. S. T. O. (Rio) — Deve ter um regimen exclusivamente lacteo-vegetariano. Use: tintura de scilla 1 gramma, piperozina 3 grammas, extracto fluido de buchu 10 grammas, xarope das cinco raizes 30 grammas, infuso de uva ursina 300 grammas, — um pequeno calice, de tres em tres horas. Depois de cada refeição principal, tome "Kola Granulada Astier".

AVO' (São Paulo) — A ablação das amygdalas não deve ser realizada arbitrariamente. Submetta a menina ao exame de um especialista.

Luiz (S. Fidelis) — Evite com a maior cautela, um novo resfriamento. Use: tintura de aconito vinte gottas, tintura de eucalypto 1 gramma, licor ammoniacal anizado 20 gottas, benzoato de sodio 3 grammas, xarope de Desessartz 30 grammas, infuso de especies bechicas 250 grammas, — meio calice, de tres em tres horas. Depois de cada refeição principal, tome uma colher (das de café) de "Tricalcine", num pouco de leite.

LILI (Petropolis) — O serum anti-asthmatico unicamente poderá ser indicado e applicado, por um medico, depois de um exame pessoal do enfermo. Ignorando até a idade da mamã, não me compete ir além desta prescripção: tintura de grindelia robusta 6 grammas, tintura de lobelia inflata 6 grammas, tintura de opio camphorada 8 grammas, iodureto de sodio 6 grammas, xarope de flores de laranjeira 30 grammas, decocoto de polygala 150 grammas, — uma

Para todos... em Passos - Estado de Minas

Aspecto do grande baile realizado em 21 de Abril, offerecido ao illustre Dr. Lourenço Ferreira de Andrade, D. Presidente e Agente Executivo de Passos.

colher (das de sopa) de 4 em 4 horas, durante as crises a'ludidas em sua carta.

L. E. N. (O'inda) — Basta usar: extracto de belladona 3 centigrammas, bromureto de calc'o 4 grammas, hydrolato de louro cereja 10 grammas, xarope de Roux 30 grammas, xarope de flores de laranjeira 100 grammas — uma colher (das de sopa) de quatro em quatro horas. Faça, de tres em tres dias, uma injecção hypodermica, empregando a "Oceanine" (ampo'as de sessenta cent'metros cubicos.

E. B. B. (São Matheus) — Use: solução alcoolica de trinitrina 10 gottas, hydrolato de canella 100 grammas — uma co'her (das de sopa) pela manhã e outra á noite. No meio de cada refeição principal, tome 15 gottas de "Iodalóse Galbrun", num calice dagua assucarada. A' noite, no momento de se recolher ao leito, use uma capsu'a de "Opolaxyl", bebendo, em seguida, meio copo dagua fria.

A. N. N. A. (Itanhandú) — Use o "Phaguryl" — quatro a seis capsulas por dia. Pe'a manhã e á noite, use prolongados banhos mornos de assento, contendo cincoenta centigrammas de permanganato de potassio, para dois litros dagua. As irritações alludidas cessarão com o emprego do glyceroleo de oxydo de zinco. De duas em duas noites, no momento de se recolher ao leito, use um "ovulo de ichthyol Roche". Finalmente deve fazer, tres vezes por semana, uma injecção intra-muscu'ar com a "Tonikeine".

J. D. P. (São Gonçalo de Sapucahy) — Deve abolir as merendas, fazendo apenas as refeições principaes. Use: pancreatina 35 centigrammas, sal de Vichy 25 centigrammas, taka diastase 25 centigrammas, condurango em pó 25 centigrammas, stovaina 5 milligrammas — em uma capsula, vindo 16 iguaes, para tomar uma depois do a'moço, e outra depois do jantar.

A. R. M. (Nictheroy) — Faça as refeições com regularidade no horario e evite alimentos pesados. Use: tintura de badiana 2 grammas, tintura de genciana 2 grammas, xarope de canella 30 grammas, agua chloroformada 50 grammas, elixir de pepsina Mialhe 1 vidro — uma colher (das de sopa) depois de cada refeição principal.

L. J. (Mangaratiba) — Use, pela manhã e á noite, um comprimido de cerebrina. Tres vezes por dia e nos intervallos das refeições, use: glycero-phosphato de sodio 10 grammas, extracto fluido de abacateiro 100 grammas — uma colher (das de café) em meio copo dagua fria assucarada. Depois de cada refeição principal, use o "Triogene Fór". A creança deve fazer, por semana, tres injecções intra-musculares, com o "Cyto-Corbiere Infantil".

R. A. S. (Guarapuava) — Deve consultar um especia'ista. Use, emquanto não emprehende a viagem á capital do Estado: sulfato de zinco 6 centigrammas, chlorhydrato de cocaina 10 centigrammas, hydrolato de rosas 15 grammas — uma gotta, em cada globo ocular, pe'a manhã e á noite.

R. I. B. A. S. (Leopoldina) — Use, depois de caad refeição principal, uma colher (das de sopa) de "Malt O'eol". Dê ao pequeno: tintura de aconito 10 gottas, licor ammoniacal anizado 12 gottas, tintura de eucalypto 1 gramma, benzoato de sodio 3 grammas, xarope de tolú 30 grammas, infuso de especies bechicas 250 grammas — meio calice de 3 em 3 horas. — DR. DURVAL DE BRITO.

Melhoramentos introduzidos na clinica do professor Arminio Fraga, na Santa Casa

Os melhoramentos recem-introduzidos na 26ª enfermaria da Santa Casa de Misericordia, equiparam os serviços hospitalares chefiados pelo professor Arminio Fraga aos primeiros, no genero, de paizes, neste particular mais adeantados que o nosso, tornando-o unico no Brasil. Esta mesma é a impressão unanime das indiscutiveis autoridades medicas que estiveram presentes á inauguração desses novos melhoramentos, percorrendo-os todos e observando-os detidamente, como os illustres professores Clementino Fraga, director do Departamento Nacional da Saude Publica; Aloysio de Castro, director do Departamento Nacional do Ensino; Abreu Fialho, director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; Augusto Costallat, director da Assistencia Municipal; e outros.

Archivo da clinica e gabinete do Director

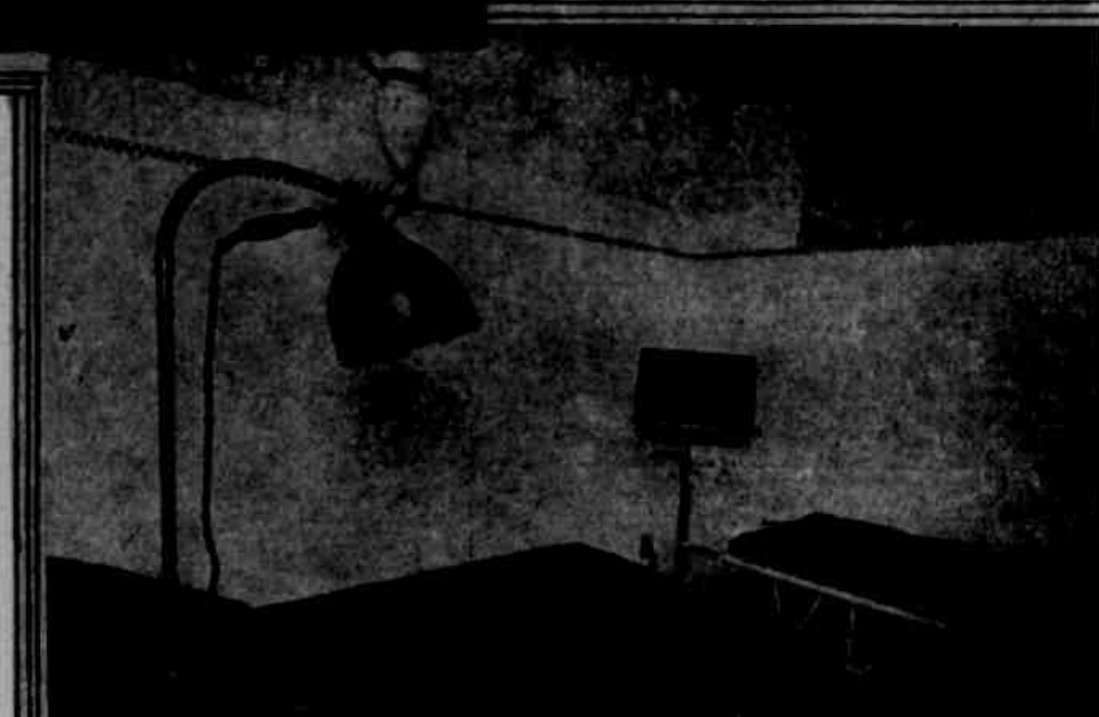
Sala de exames e curativos.

✣ ✣ ✣

Gabinete de electro-coagulação, alta frequencia, diathermia, correntes galvanica, faradica, caustico, massagens vibratorias, electro-diagnostico e neve carbonica.

Gabinete de radiotherapia superficial.

✣ ✣ ✣

Laboratorio

Gabinete de Raios ultra-violetas e infra-vermelhos

Um dia de Zizi

(FIM)

crepusculo!... Os cobres da cozinha bri'ham, bella bater'a que Mme. Lacoste faz luzir, conforme o rictual quasi sagrado, na Normandia. Zizi relata o seu passeio sem aventuras, que a pequena voz tagarella torna pittoresco. Mas tudo o que e'la não póde dizer, tudo o que guarda para ella sem palavras, admirações, sonhos, atmospheras resp'radas, côres, perfumes, ruidos, tudo isso, fica tragicamente sepultado no silencio impotente da infancia.

Antes de ascender a lampada, Lacoste fecha as portas, os batentes, todas as janellas da casa. Nesse momento Zizi mergulha numa tristeza que chega ás lagrimas. Silenciosa insta'la-se perto da lampada, ao lado da ama, que concerta roupas; el'a repassa as lições pensando noutra coisa... Depois chega um ant'go guarda, que bebe um copo de cidra, antes de ir para o quarto que lhe deram no andar terreo. Lacoste diz:

— Vamos?

Sobem para o quarto. Ainda ha janellas para fechar. E a lamparina para ascender. Zizi deita-se.

— Não se esqueça de rezar!

A velha curva-se, maternal, beija o rosto que se offerece machinalmente. E'la queria poder falar, como pensa, áquella fragil coração despedaçado...

— Minha querida... começa.

E' uma grande doçura ter, na v'da, essa velha mulher cuidadosa, affectiva, e que bem comprehende as coisas sem saber demonstrar. Mas a pequena poderá aprecia'-a? Isso é para ella a ordem natural da existencia. Essa creança vive á espera de um milagre; e a ternura de Lacoste não tem nada de milagroso.

Carlos Antonio, filho do casal Carlos dos Santos-Olenka F. dos Santos.

— Boa noite. Estou com somno!

E a velha criada sae carregando a lampada... Zizi, no c'aro-escuro da lamparina, que faz dansar o camapheu do tempo ant'go, recomeça, os olhos muito abertos, seu pobre e pequeno sonho, seu pobre e pequeno sonho...

✣ ✣ ✣

MUSICA

(FIM)

nós os temos, capazes de figurar em qualquer parte, com brilho. Valerá a pena citar nomes? Brailowsky mesmo, ao chegar, fez aos compositores brasileiros os melhores elogios, citando Barroso Netto e Villa-Lobos. Por que, pois, não nol-os quiz fazer ouv'r, atravez de sua arte requintada?

A temporada Brailowsky, entretanto, veiu demonstrar que, felizmente, o bom gosto do publico não está ainda corrompido. O desastre do anno passado parece que não se repetirá este anno. Estamos num periodo de reacção. Guiomar Novaes foi a mascotte. Brailowsky recebeu-lhe a boa influencia. E isso é tanto mais agradavel de registrar, quanto o empresario Viggiani nos promette as mais encantadoras surpresas para a temporada. São promessas que chegam a dar a illusão de que o Rio é um grande centro musical! Resta agora que o publico comprehenda isso, para que essa illusão seja uma brilhante realidade. — T. G.

COMO CONSERVAR O CABELLO EM BOM ESTADO

Não importa que o seu cabello seja ruivo, negro, castanho ou de côr vermelha. Se quer conserval-o abundante, brilhante e em boas condições geraes, deve cuidal-o continuadamente. Muitas senhoritas descuidam por completo o seu cabello, crendo que mesmo assim elle sempre parecerá bem. Isto é absurdo. Vou dizer-lhes como eu trato o meu cabello. Antes de tudo, não deixo de escoval-o nem uma noite, por mais cansada que me sinta. Depois, cada duas semanas, lavo-o bem, usando para esse fim uma colherada de stallax granulado dissolvido em agua quente, enxugal-o bem, depois, e seccando-o com toalha quentes. O resultado é simplesmente maravilhoso.

O mysterio dos cinco enforcados

(FIM)

vazio das divagações absolutamente fantasiosas, emquanto, nervosamente, fumava cigarros e mais cigarros... Sentia que os dois casos se entrelaçavam e soffria uma terrivel tortura por não lhes encontrar o ponto de intersecção.

Dez dias mais tarde, occorreu, nas mesmas circumstancias, a morte de outro Cintra. Os jornaes já designavam os Cintras pelo nome de "a familia dos enforcados". Diziam, mesmo, que toda a familia se deixára empolgar pela mania do suicidio e que não seria de admirar se dentro de poucos dias acontecesse outra dessas tragedias, com os seus ultimos sobreviventes.

Genesio Castro, então, investigava minuciosamente os habitos e as particularidades da vida dos unicos parentes de Rubião Cintra, ainda vivos: Carlos e Gervasio, ambos primos em segundo gráo do primeiro enforcado. Carlos era um rapaz franzino, sem comtudo ser fraco, de attitudes reservadas, e demorava pouco tempo fóra de casa, onde passava o dia inteiro lendo novellas policiaes. Quando sahia era para ir a um cinema e assistir a exhibição de pelliculas de enredos tenebrosos, como, por exemplo, "O estrangulador de louras", "O crime do studio", etc. Gervasio era alto, possuidor de uma excellente musculatura, tendo mesmo praticado o box com certo exito durante alguns annos. Jovial, trocista, cheio de saúde, nada tinha elle de particular que chamasse a attenção do investigador.

Genesio Castro resolveu, tomar de preferencia Carlos para objecto das suas investigações. No dia do terceiro enforcamento, seguiu-o até ao seu apartamento, em Copacabana, e pelo orificio da fechadura ficou a observar, durante alguns minutos, os seus menores movimentos. O rapaz estava excitadissimo, nervoso, extremamente inquieto. Ora sentava-se, ora punha-se de pé, esfregando as mãos, com os olhos esbugalhados, afflicto, cheio de pavor, como se esperasse que do desvão de uma porta ou detraz de um movel surgisse de subito o espectro sinistro da morte em sua frente!

De repente, sentou-se e começou a escrever, revelando uma grande agitação. Encheu tiras e mais tiras de papel almaço e, logo depois, nervosamente, rasgou-as e atirou-as á cesta de papeis. Acto continuo, mal dando tempo a que o investigador se occultasse em um angulo da parede, abriu violentamente a porta e ganhou a rua.

Genesio Castro penetrou, então, no quarto de Carlos. Correu á cesta de papeis, recolheu cuidadosamente os minusculos pedaços do manuscripto dilacerado, pôl-os nos bolsos, dirigindo-se em seguida á sua residencia, onde gastou horas e horas num trabalho lento e paciente de reconstituição.

Alta madrugada, o investigador concluiu o seu trabalho. Leu, assombrado, a curiosa revelação, que vinha confirmar todas as suas suspeitas sobre a morte de Rubião Cintra. Genesio Castro não quiz dormir. Telephonou para uma garage, pediu um taxi e rumou immediatamente para a casa de Carlos Cintra, em São Christovão.

Encontrou a porta aberta e, pendurado por uma corda, balouçando no ar, o cadaver do desgraçado. Os moveis estavam cuidadosamente arrumados, mas não conservavam a disposição primitiva. Dir-se-ia que haviam revolvido tudo para ao depois fazer nova arrumação

O investigador chamou a policia, communicando que haviam assassinado Carlos Cintra é que, dentro de poucos minutos, havia de apanhar o assassino.

Quando o investigador Teixeira chegou ao local e encontrou, sobre o leito do morto uma carta em que Carlos declarava ter-se suicidado, não poude conter uma gargalhada e disse, aos seus auxiliares:

— O Genesio, decididamente, acabará demente, se entender de transformar em assassinatos todos os suicidios que se dão no Rio...

A esse tempo, porém, Genesio Castro, no Flamengo, pedia que lhe enviasse um carro-prisão para conduzir o assassino para a delegacia.

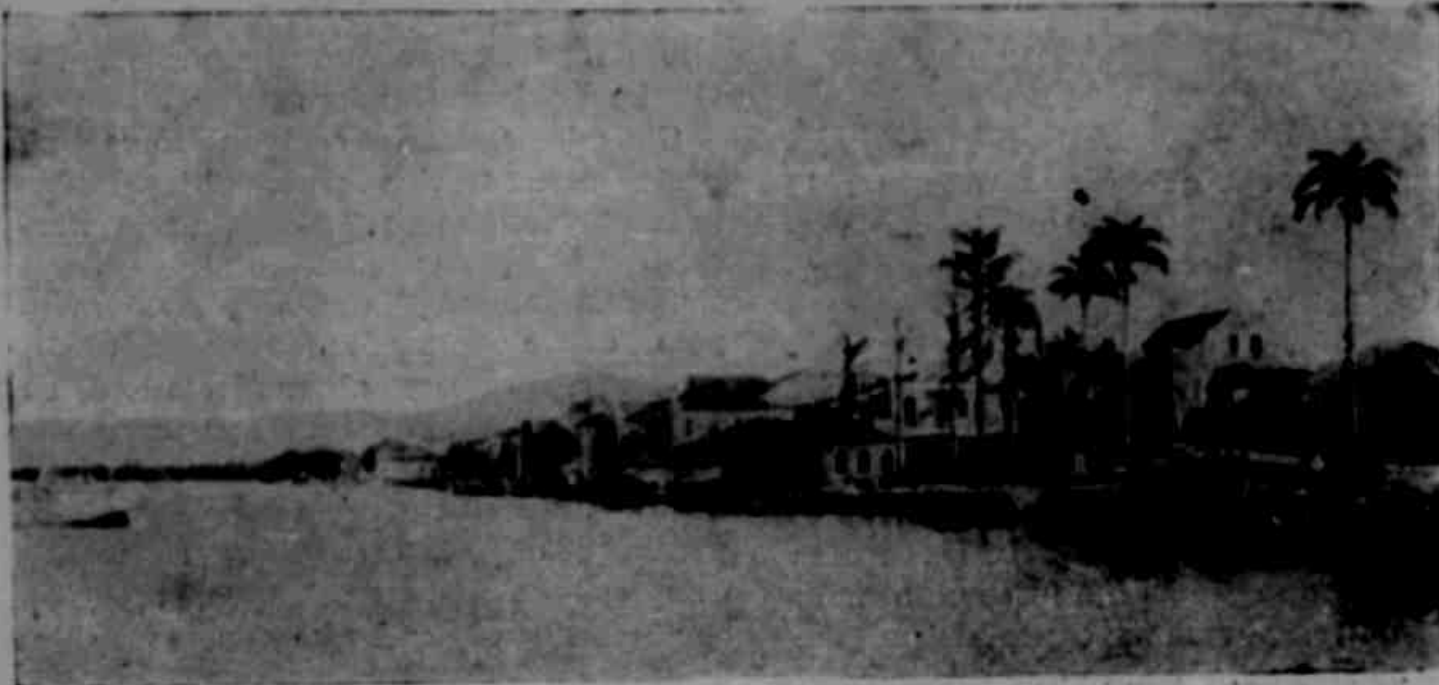
— Quem é elle? — interrogou o delegado que o attendeu ao telephone.

— E' Gervasio Cintra, um primo do morto.

— E as cartas? — perguntou de novo o delegado.

— As cartas são authenticas. Mas isso não tem importancia. Em poucos minutos esclarecerei toda a questão.

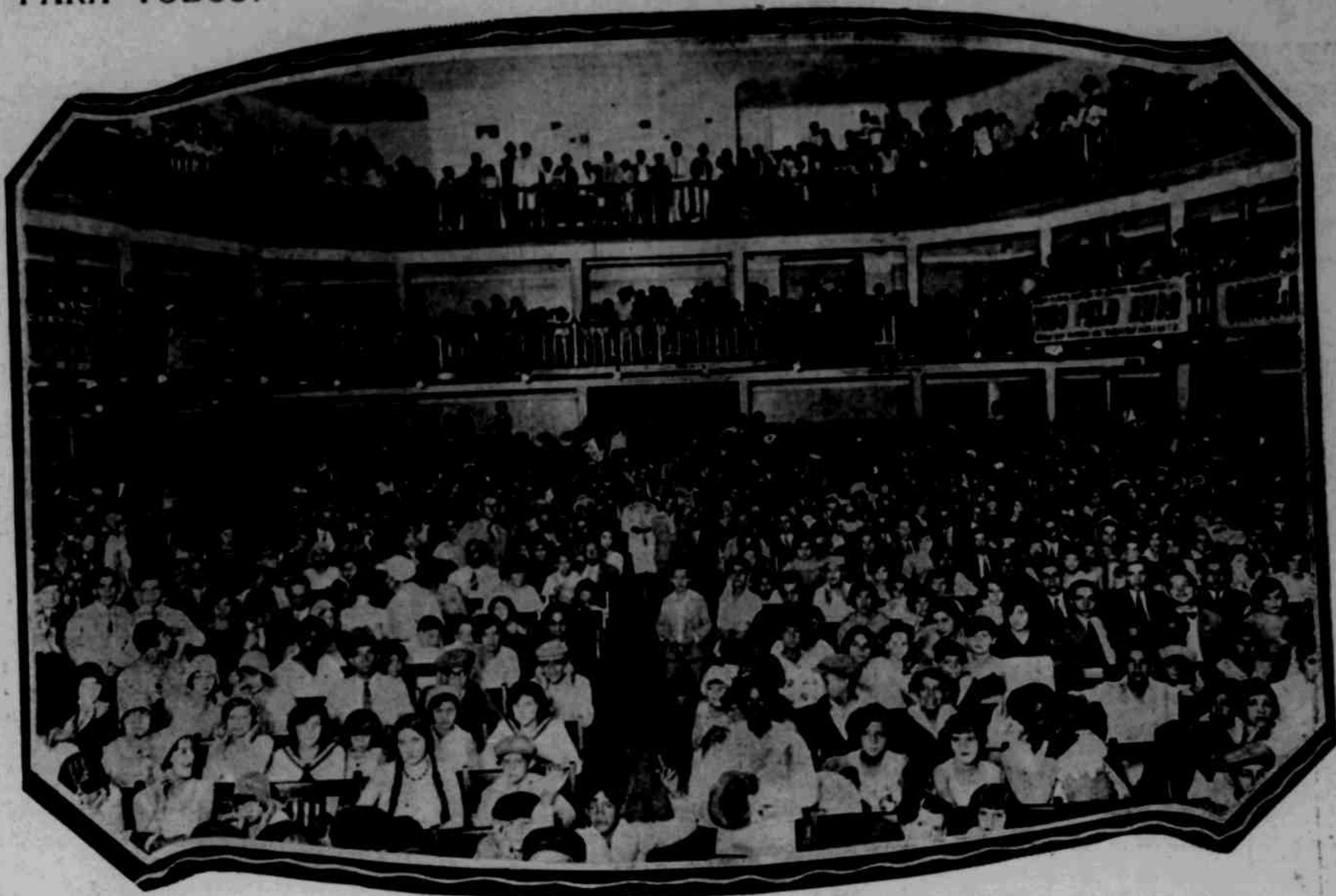
Dentro em pouco, soavam á porta da delegacia as campainhas da "viuva alegre". Genesio Castro desembarcou com o preso e, em presença do delegado, expoz a origem e os detalhes dos quatro enforcamentos.

— Rubião Cintra herdou ha poucos mezes uma boa fortuna. Sem outros parentes que os seus primos em segundo gráo Caio, Adolpho, Carlos e Gervasio Cintra, passariam ás mãos destes, por sua morte, todos os seus haveres. Piloto de aviação, expondo-se diariamente a mil perigos, esperavam os primos que qualquer dia um desastre riscasse o nome de Rubião do numero dos vivos. Acontece, porém, que Rubião ficou noivo, recentemente, em São Paulo. Se elle casasse, a sua fortuna iria parar ás mãos de sua esposa e não ás dos seus primos, que tão ansiosamente esperavam a sua morte. A noticia inquietou seriamente os seus herdeiros presumptivos e estes deliberaram eliminal-o. Reuniram-se todos, certo dia, em um jantar. Encaminharam a palestra para os suicidios. Um dos primos falou da banalidade das cartas que escrevem os que se matam. Outro propoz um concurso de cartas de suicidio. Quem escrevesse a carta mais interessante, mais original, ganharia uma "champagne". A idéa era um tanto exquisita. Mas depois de um bom jantar e de varios copos de vinho, tudo nos parece bem. Escreveram. Rubião ganhou o premio. Gervasio disfarçadamente guardou no bolso todas as cartas. Num domingo, foram visitar Rubião, que nesses dias costumava dispensar os creados e fazer fóra as suas refeições. Encontraram, assim, a maior facilidade para executar o seu plano macabro. Gervasio deu uma pancada na nuca de Rubião. Depois, passaram-lhe uma corda ao pescoço, penduraram-no ao tecto e desdobraram sobre o seu leito a carta que lograra o primeiro premio no curioso concurso. Passam-se alguns dias. As formalidades judiciaes retardam a entrega da herança aos primos ambiciosos. Um dia, estando Caio ausente, Gervasio insinúa: "Se Caio morresse seria maior o nosso quinhão na herança". Adolpho concorda. Carlos diz que basta de crimes. Os outros, porém, vencem a sua resistencia, ameaçando-o. Gervasio declara que possue a carta de Caio. Eis ahi como se deu o enforcamento de Caio. O de Adolpho foi tramado do mesmo modo. Por fim, Gervasio querendo usufruir sózinho a fortuna de Rubião, enforcou ainda Carlos, cuja carta tambem possuia. Essa é a historia dos enforcamentos, que em vez de serem quatro suicidios são quatro assassinatos.

Quando Genesio terminou a sua narrativa e entregou ao delegado o manuscripto de Carlos — uma declaração á policia que elle não teve a coragem de enviar e que o seu desespero dictára com a maxima sinceridade, Gervasio não teve animo para desmentil-o. Acabou confessando tudo. Recolhido a uma prisão, no dia seguinte foi tambem encontrado enforcado, os olhos esbogalhados, a lingua inchada e pendente. Mas não havia carta alguma perto do cadaver...

R. MAGALHÃES JUNIOR

Porto de Paranaguá

No Instituto Benjamin Constant, quando foi a festa dos cégos.

Azul-Branco Club. Sociedade das moças israelitas. A mais elegante e a de maior cotação nos circulos israelitas do Brasil. Fez tres annos no dia 23 de Maio. E por isso, em sua séde social á rua Conselheiro Josino, deu uma festa intima. Só para os associados. Cento e cincoenta mais ou menos. Muito mais do que menos.

Aspecto do Theatro São Carlos, por occasião do festival "Cinearte"

Festival "Cinearte" em Campinas

O Theatro São Carlos, da grande cidade paulista de Campinas, realizou um festival no dia 11 do mez passado, em homenagem á elegante revista cinematographica "Cinearte", que obteve o mais franco successo. Durante o festival foram distribuidos á numerosa assistencia 1.300 exemplares da luxuosa revista carioca, que tem um leitor em cada apreciador da arte muda. Os directores do Theatro São Carlos, que é uma casa de diversões de 1ª ordem, como mostram os aspectos photographicos desta pagina, foram incansaveis, como de habito, em gentilezas com a distincta assistencia.

Grupo feito por occasião do festival "Cinearte", no saguão do Theatro São Carlos, da Empresa Theatral Paulista, vendo-se ao centro o Sr. A. Silva Guimarães, representante de "Cinearte" nesta cidade, ladeado pelos Srs. Vicente Minieri, Theodorico Stuart, Felippe Minieri, Sergio Barros, Virgilio Martins e José de Oliveira, directores e auxiliares desta excellente casa de diversões. — A numerosa assistencia lendo com interesse a revista "leader" do Cinema.

Officinas graphicas d' O MALHO